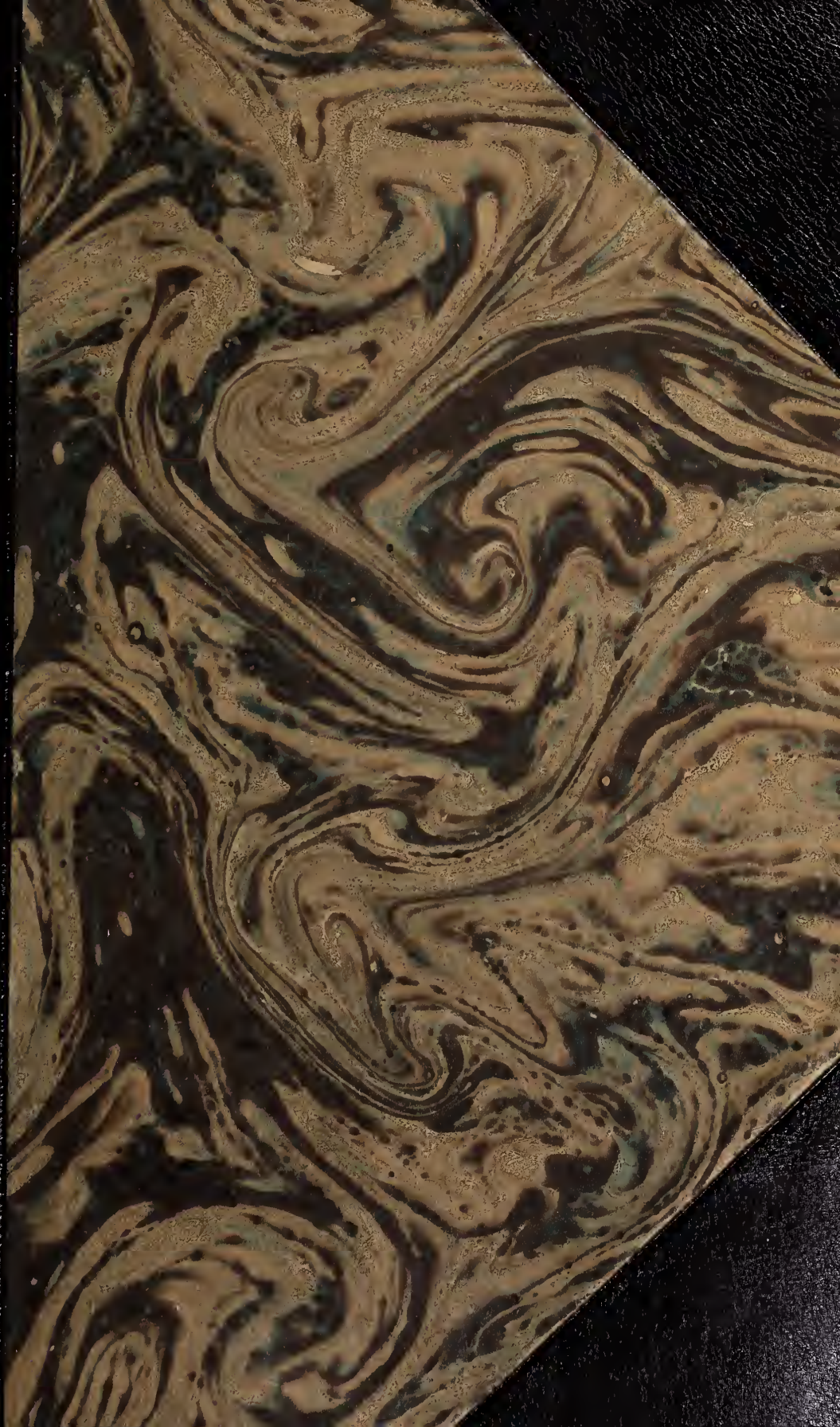
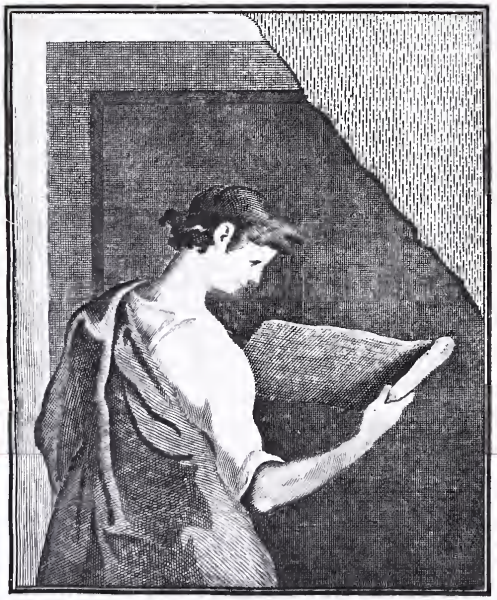




THE J. PAUL GETTY MUSEUM LIBRARY

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Getty Research Institute

https://archive.org/details/revistaillustrad14unse

N.º 1

Janeiro — 1884

rindade, 11 - 13
0951 — LISBOA

REVISTA ILLUSTRADA
DA
EXPOSIÇÃO DISTRICTAL
DE
COIMBRA
EM
1884

Nº 1

Coimbra, Typ. de M. C. da Silva.

THE J. PAUL GETTY CENTER

REVISTA ILLUSTRADA
DA
EXPOSIÇÃO DISTRICTAL DE COIMBRA
EM 1884

PREAMBULO

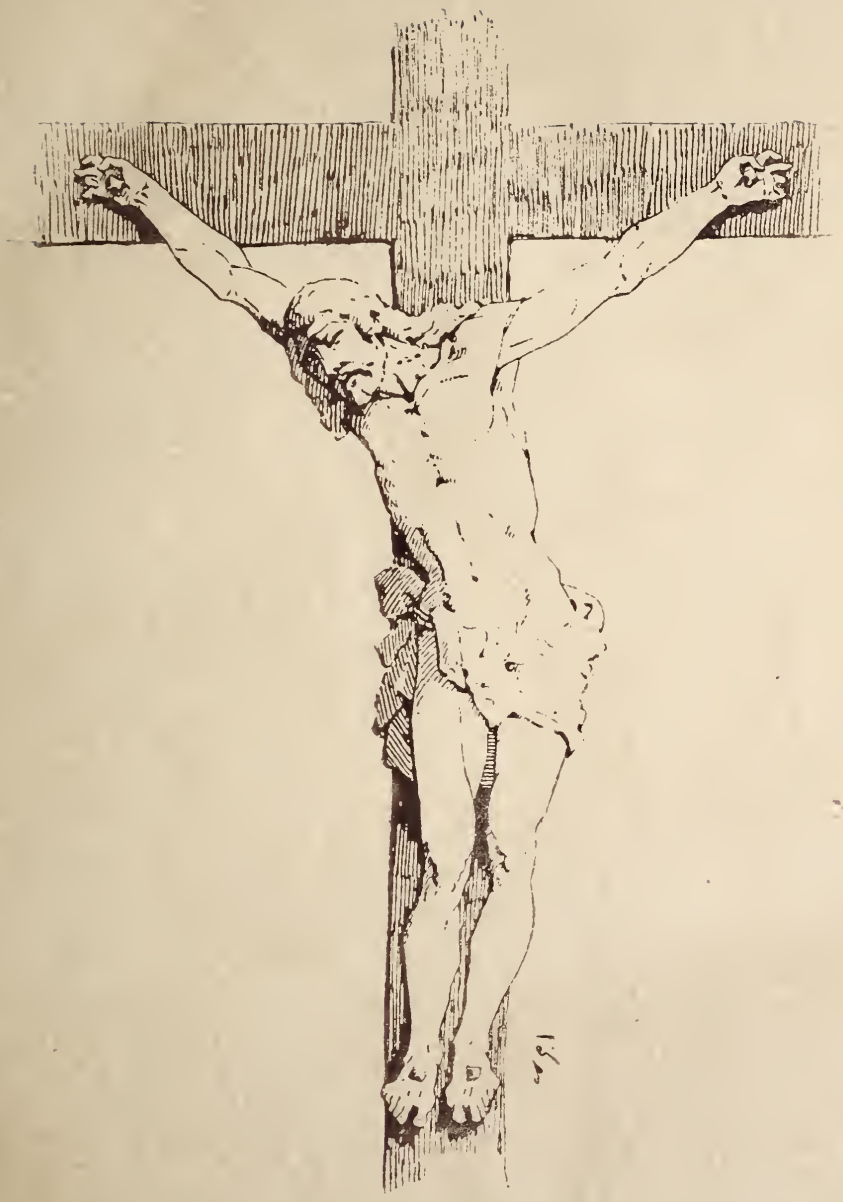
Florece risonho para Coimbra o anno de 1884. Veste-se de gala a rainha do Mondego, celebrando a festa da Industria, que é a glorificação do trabalho. Saudemos este acto solemne, importantissimo para as relações economicas e politicas do paiz; saudemos os seus fautores.

As *Exposições* são antigas; nasceram com a sociedade e são a sua manifestação mais energica. Se sociedade quer dizer associação de forças, de modo que o trabalho do individuo se converta pela união em cooperação geral tendente á commodidade de todos, que é a de cada um, a *exposição* é seu natural corollario. Ella é um espelho e uma escola, emulação e incentivo, porque é o reflexo da vida laboriosa do povo, ensino mutuo em que todos são mestres e discipulos, attractivo para o progresso, lição para o aperfeiçoamento.

O trabalho não é uma ideia absoluta mas relativa; ou, antes, torna-se um laço, a copula que prende estreitamente dois termos: a obra e o operario. As leis que o regulam assentam sobre base segura, que é a liberdade, não a liberdade de inercia, que é um vicio, mas a liberdade de acção, que é uma grande virtude. Tempére o homem a sua vida com este adubo, que ella se lhe tornará como um campo fertil, que paga com liberalidade a cultura extreme e desvelada. O trabalho livre é soberano, porque é elle que faz viver os governos, e desfaz aquelle erro

Em Leça da Palmeira, desenho a carvão, pelo Sr. Luiz Bastos.

Esboço do auctor.



Christo crucificado, esculptura em madeira, pelo Sr. A. A. Gonçalves.

Desenho do auctor.

nefasto que considera o estado productor e o operario machina. A sociedade caminha sempre, mas só caminha desassombrada quando principios sãos lhe alumiam o caminho.

Diz-se geralmente que a necessidade impoz o trabalho, o que é engano manifesto. Pelo contrario o trabalho é que creou a necessidade, porque é a fonte de todas as aspirações. Logo que o homem com o auxilio da relha abriu um sulco na terra, da cornucopia dos fructos lhe brotou a sêde d'uma generosa ambição. Esta a mãe de todas as artes, a origem da progressiva civilisação humana.

As *Exposições* começaram quasi que instinctivamente, e se foram accentuando com a cultura das bellas artes. Na Grecia o artista formava da sua officina uma *exposição* das suas obras, aonde attrahia o publico, e convertia em conselhos uteis as observações sensatas que escutava. Conhecemos bem a derivação do *ne sutor ultra crepidam.* O exemplo aproveitou, e as exposições generalisaram-se de variados modos, tendo sempre por fito o aperfeiçoamento e belleza dos artefactos. Não caberia n'este pequeno ambito a sua curiosissima historia.

As *Exposições* porém de manufacturas, dos productos do homem nos multiplices ramos da sua actividade, só se desenvolveram na segunda metade do seculo passado. Assumiram depois proporções gigantescas em todas as grandes metropoles, e fizeram-se cosmopolitas.

Estes certames pacificos do trabalho crearam uma emulação proficua e estreitaram ao mesmo tempo os laços fraternaes dos povos, desenvolvendo nos espiritos insensivelmente as mais puras idéas da democracia; tornaram-se necessarios, e quasi que uma lei organica das sociedades modernas.

Portugal, em que pése a seus detractores, nunca desmentiu a sua admiravel tendencia para a supremacia na civilisação, e as suas exposições industriaes foram as primeiras da Europa. Quando em Paris se realizou em 1798 a que é reputada geralmente iniciadora, já em 1792 houvera em Braga a do Arcebispo D. Fr. Caetano Brandão, e anterior a esta, em 1775, a do Estoril em Oeiras, decretada pelo Marquez de Pombal. Embora se digam incipientes e meras tentativas, a ideia vingou e a semente converteu-se em fructo.

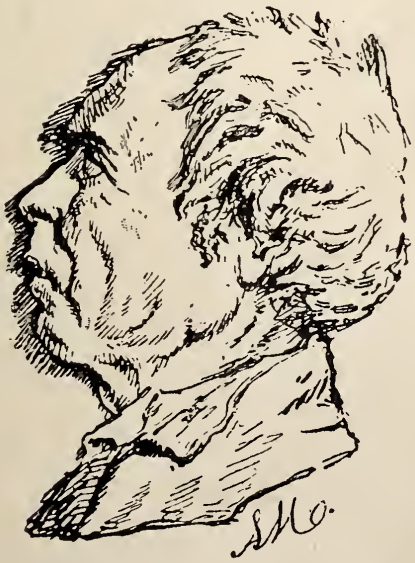
Coimbra seguiu este nobre impulso, e dá-nos hoje já a sua segunda *Exposição districtal de manufacturas.* Para bem nos seja a todos este commettimento, proveniente de genuina iniciativa popular, por quanto

vemos á sua frente uma distincta associação, a *Escola Livre das Artes do Desenho*, presidida por um cidadão benemerito e auxiliada geralmente por todas as classes sociaes sem excepção de nenhuma, prova evidente da sua maxima importancia. E oxalá que todos apprendamos com estes factos. Mirem-se todos os operarios n'este espelho, que lhes é lição e incentivo. Entrem n'esse templo da Industria e vejam dentro os milagres da religião do trabalho, que marcam o seu progresso.

A vida é esta; cifra-se na actividade, cimenta-se na cooperação geral, no mutuo auxilio das forças humanas. Foi sempre assim a labutação eterna dos povos, esphinge que ainda não encontrou o seu Oedipo, semana que nunca attingirá o seu sabbado.

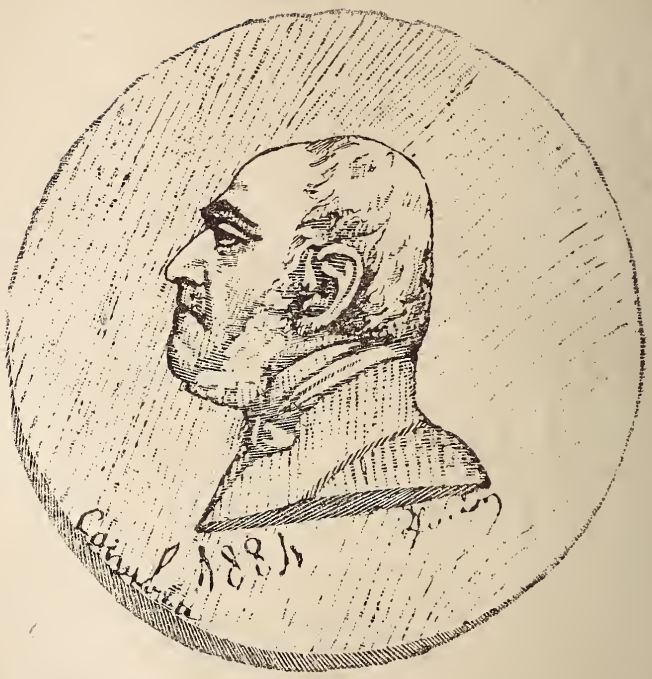
Traduzindo pela penna e pelo lapis todas estas manifestações sympathicas dos trabalhos do nosso districto, este jornal enfileira-se modestamente entre os mais obscurso obreiros da presente *Exposição de manufacturas.*

A. A. da Fonseca Pinto.



Estudo do natural, medalhão em gesso, pelo Sr. A. Motta

Desenho do auctor.



Retrato do Sr. Joaquim Martins de Carvalho

Medalhão em gesso, pelo Sr. J. Lucio.

Desenho do auctor.

AS DUAS EXPOSIÇÕES DE COIMBRA

(1869 e 1884)

O congresso de productos manufactureiros, actualmente reunido e exposto ao publico nas salas e claustros do antigo e ora reformado edificio do Carmo, representa um acontecimento de innegavel importancia nos fastos economicos d'este Districto.

Não é talvez demasiadamente improprio o termo de que nos servimos para designar este commettimento. O concurso de tantos productos representando proveniencias, localidades, intelligencias, interesses, individuos ou collectividades differentes, com as suas categorias e diplomas, com os seus logares de honra e com os titulos que lhes confere o seu valor absoluto ou relativo, o seu merito e a sua utilidade, fallam-nos uma linguagem que todos comprehendemos, obrigam-nos a pensar e a discutir, e produzem leis, regras, convenções e accordos, que, se não regulam a paz, d'ella dependem e para ella contribuem; e se movem a guerra, é aquella guerra abençoada de que resulta o aperfeiçoamento do trabalho, o progresso das artes e das industrias, e o augmento dos commodos e confortos humanos, seu fim essencial.

O aspecto geral da exposição cerca-nos o espirito com aquella luz mysteriosa que instinctivamente nos suggere ideas de progresso e aperfeiçoamento. Se é sómente o resultado do brilho, nem sempre real, de muitos objectos de arte e industria, escolhidos e aprimorados, reunidos no mesmo recinto; se é este deslumbramento que naturalmente nos resulta do aspecto complexo de productos e inventos, que encerram e representam progressos reaes e adeantamentos evidentes no prodigioso poder da intelligencia e das energias do homem; se são, como é natural, ambas as causas que produzem aquella impressão, não póde affirmar-se sem um exame retrospectivo e sem os estudos e analyses que hão de constituir a parte final dos trabalhos da exposição.

A exposição póde dizer-se que ainda não está completa, e não o chegará a estar. Todos os dias entram na liça novos especimens e novos obreiros; e não virão todos quantos podiam e deviam concorrer. A vista dos productos expostos estimula uns a concorrerem tambem, outros a reforçarem as suas collecções, e aquelles, a quem não póde aproveitar este incentivo, e para os quaes a noticia ou o convite não foi bastante para os demover, não comparecerão.

É pena. Estes torneios do trabalho e das industrias, estes museus temporarios e accidentaes dos productos da intelligencia e da actividade do homem, que não menos das forças e capacidade aproveitaveis da natureza, servem de lição e ensinamento, de especulação e proveito, e tambem de recreio a um tempo aprazivel e util.

Na França, na Allemanha e em todas as nações que servem de modelo de illustração e adeantamento, os museus e as exposições são, aquelles sempre, e estas em quanto duram, o passeio e a distracção predilecta dos habitantes das respectivas localidades nos dias sanctificados ou nas horas livres do trabalho.

É, pois, cedo para assentar juizos definitivos e entrar em conclusões fundamentadas ácerca do merito absoluto e relativo da exposição, e o seu exame retrospectivo, se não póde tambem pelos mesmos motivos ser ainda completo, offerece já confrontos, circumstancias e accidentes dignos de attenção.

Em julho e outubro de 1869 realizou-se n'esta cidade a primeira exposição districtal de artes e manufacturas, promovida pela Associação dos artistas. Tinha esta associação á sua frente, n'essa epocha aurea da sua existencia, um homem a cuja iniciativa e trabalho talvez não seja injusto attribuir o exito d'aquelle primeiro ensaio; mas emfim o pensamento e a sua execução dimanaram da classe artistica, que então converteu a sala das suas sessões e das suas escolas em templo das industrias de todo o districto.

A presente exposição de manufacturas foi iniciada e realizada pela Escola Livre das Artes do Desenho, que é uma associação modesta e nascente, tambem de artistas, menos numerosa, inferior em recursos, mas não menos illustrada nem menos feliz no seu presente e nobre esforço do que os seus confrades no anterior, honrando todos a classe a que pertencem, a sociedade em que lidam, a terra e o tempo em que vivem.

A primeira exposição tinha programma mais largo do que a presente. Abrangia a archeologia e objectos raros, naturaes, artificiaes e industriaes, que a actual não tem, e que constituiam uma das suas secções mais numerosa e convidativa; comprehendia toda a industria agricola, que formava tambem uma das suas galerias mais extensas e importantes.

Apesar d'estas differenças, que suppomos serem as mais salientes entre os dois programmas, a presente exposição attesta, sem risco de erro, notaveis progressos, ou seja na concorrencia dos expositores ou nas artes e industrias n'ella expostas.

O numero total dos expositores foi na primeira de 577, comprehendendo as duas epochas de julho e outubro em que a exposição esteve aberta; a actual conta já 520 e é de esperar que cheguem a 600. Póde por isso considerar-se o numero de expositores actuaes muito maior do que na anterior exposição, pois sómente os expositores de archeologia, que na actual não figuram, foram na outra 142, e foram 105 os agricolas que agora concorrem em numero muito menor.

Quaes os concelhos mais bem representados, e qual a sua relação com os que concorreram e se distinguiram na exposição anterior, não póde facilmente saber-se por emquanto. Será esse trabalho importante e elucidativo, mas possivel sómente depois de publicados os catalogos completamente organizados.

Quanto ás industrias e artes representadas nas duas exposições, uma vista rapida dos catalogos da de 1869 deixa facilmente conhecer que industrias e estabelecimentos representados na primeira hão realizado indubitaveis progressos no desenvolvimento das suas officinas, no augmento da sua producção e no aperfeiçoamento de seus processos.

As industrias de fundição, de serralharia, de carruagens, de massas, louças, sapataria, tecidos brancos, encadernação de livros, esteiras e outras, estão realmente representadas com grande vantagem, e até com distincção, e são sómente por si bastantes para demonstrar o desenvolvimento consideravel das condições manufactureiras do districto depois da primeira exposição.

A sala de bellas artes e applicações, educação e elementos de estudo é, todavia, debaixo do ponto de vista d'esta rapida apreciação, a parte que maior impressão produz no espirito reflexivo do visitante e que o convence de que não póde duvidar-se da existencia d'esta corrente progressiva. Merecem certamente menção especial os trabalhos de

desenho, pintura, ornamento e esculptura, apresentados pelos associados e pelos alumnos da Escola Livre, iniciadora da exposição, não por um merito absoluto, que não póde exigir-se de uma escola nascente e de discipulos ainda incipientes nas artes; mas porque demonstram sensiveis indicios de aproveitamento n'esta util instituição, e inauguram por certo uma epoca nova na cultura das bellas artes em Coimbra, tão honrosa para os seus iniciadores quanto auspiciosa para a cidade, que, sendo das letras, possue justos titulos a sel-o tambem das artes.

Os desenhos das escolas do Lyceu, da Misericordia, da Universidade e de particulares, constituem tambem um dos mais fecundos themas de considerações muito vantajosas ácerca da influencia que as escolas vão exercendo sobre as classes laboriosas d'esta cidade e do districto.

Estes e outros muitos symptomas de progresso, não sómente manufactureiro e artistico mas tambem intellectual, durante os ultimos 14 annos depois da primeira exposição, constituem um facto innegavel, resultante da observação, ainda mesmo rapida, da actual exposição, e são os mais solidos titulos de gloria para os seus iniciadores, e a melhor recompensa dos seus tão modestos quão proficuos e bem succedidos esforços.

Ha ainda muito que aprender e corrigir para tornar estes emprehendimentos verdadeiramente praticos, quanto á fórma de os organizar, á maneira de os offerecer ao publico, e aos estudos e conclusões applicaveis a deduzir d'elles: mas nem por isso a obra presente é menos valiosa e benemerita. Não podia esperar-se de limites e recursos tão modestos os aperfeiçoamentos que, em circumstancias mais vantajosas não poderam ainda attingir tentativas de muito maior vulto do que a actual.

A verdade é que a Escola Livre prestou um serviço muito superior ás apparentes proporções das suas forças.

J. A. Corte Real.

SUMMARIO

TEXTO = *Preambulo*, — A. A. da Fonseca Pinto. = *As duas exposições de Coimbra*, — J. A. Corte-Real.

DESENHOS = *Frontispicio*, — A. A. Gonçalves. = *Estudo do natural*, — A. Motta. = *Em Leça da Palmeira*, — Luiz Bastos. = *Christo na cruz*, — A. A. Gonçalves. = *Retrato do Sr. Joaquim Martins de Carvalho*, — J. Lucio. = *Letra ornada*, — A. B.

REVISTA ILLUSTRADA

DA

EXPOSIÇÃO DISTRICTAL DE COIMBRA

EM 1884

Preço dos 4 numeros . . . 300 réis

Administração — Praça do Commercio, n.º 11, Coimbra.

EXPEDIENTE

Por não chegarem a tempo alguns *chichés* que deviam entrar n'este numero da *Revista*, vae elle com menos paginas que as promettidas no prospecto; esta falta, porém, será reparada nos numeros seguintes.

N.º 2 Fevereiro — 1884

INDUSTRIAS HISTORICAS

E

INDUSTRIAS CASEIRAS

I

O AZULEJO — O TIJOLO NA ARCHITECTURA

As industrias tradicionaes e caseiras que, a meu ver, deverão merecer a maior attenção dos poderes publicos, e das pessoas que ainda crêem na influencia da iniciativa particular são, em nossa opinião, as da seguinte lista.

Note-se que dizemos industrias tradicionaes *caseiras*, e nos referimos a industrias que são, em geral, tanto ou mais antigas do que a monarchia. Alguem poderá querer incluir as industrias que foram creadas (ou as que foram reformadas) no tempo de D. Pedro II na lista das *tradicionaes*. Parece-nos erro; quando muito, poderão chamal-as *historicas*, e distinguil-as das primitivas, que não teem historia, porque são producto espontaneo e anonymo. E chamar *historicas* ás industrias da segunda metade do seculo XVII já não é pequeno favor, porque nascidas n'um certo anno (1676), morreram d'ahi a pouco. A receita da botica foi, d'ahi a pouco: *tratado de Methwen* com a Inglaterra, 27 de dezembro de 1703, e *tratado com a Hollanda* a 7 de agosto de 1705, tão bom como o primeiro, mas não conhecido dos nossos eruditos modernos.

Se me objectarem, que as industrias historicas da epoca *ericeiriana* que foram reformadas, ou restauradas, remontam a epocas anteriores, e pertencem aos reinados de D. Sebastião, D. João III, D. Manuel, etc.,

e que é possivel seguir os seus vestigios até D. João II, e mesmo D. Affonso V, responderemos que o caso estava previsto ([1]), e convidaremos os opponentes a uma controversia na qual nos offerecemos a provar, que essas taes industrias reformadas nasceram de humilde origem, e vieram, sem excepção, da habitação rustica.

Temos em primeiro logar a *olaria*.

Em estudos especiaes, que não teem precedentes entre nós, já demonstrámos a sua importancia historica, o valor da tradição, a influencia incalculavel d'esta industria caseira sobre os costumes da nação.

Recommendaremos o maximo cuidado no estudo d'esta industria e do seu futuro.

O azulejo é susceptivel de uma applicação em larga escala. Verdadeiro desenvolvimento moderno só o tem tido nas provincias do Norte; no centro não ha producção, excepto em Coimbra, e ahi em modestas condições. Em Lisboa é pequena hoje, mas foi muito notavel ([2]); as provincias do norte venceram, porém.

O azulejo como coberta, como revestimento n'um clima humido, como hygiene, como elemento decorativo, é cousa muito preciosa. As outras nações invejam-nol-o. N'um clima em que a luz tem extraordinaria força, é perigoso caiar as casas, por causa da refracção da luz.

O azulejo com as suas côres variadas e os seus padrões geometricos ou floridos, transformando as paredes frias e nuas em tapetes, offerece um ponto de descanço á vista, cançada no verão. No Algarve onde faltam azulejos absolutamente (existindo uma fabrica de faiença em Olhão, que vegeta ha doze annos!), onde tudo é caiado, reina a *ophtalmia*, com caracter epidemico.

Na applicação do azulejo commettem-se, porém, numerosos erros, mais ou menos perdoaveis, porque ninguem pensa no que tem diante dos olhos todos os dias.

([1]) V. as nossas notas á nova edição do *Discurso* de Duarte Ribeiro de Macedo, *Sobre a introducção das artes n'este reino;* o Ensaio historico sobre as industrias d'arte portuguezas, no album da Exposição de Aveiro (1883); e as nossas conferencias de 1878, no Porto, 3.ª e 4.ª: *O passado das industrias portuguezas (Actualidade* d'esse anno n.os 80, 101 e 102, resumo da parte historica).

([2]) A Sr.ª Viuva Lamego faz excellentes azulejos em Lisboa, mas são um tanto caros, comparando-os com os melhores do Porto (Costa — Devezas).

Em geral, cobre-se uma parede de azulejos de um só padrão, de alto a baixo, sem orla, nem cercadura. Antigamente não se procedia assim.

Ninguem borda um panno sem orla, e correspondendo o azulejo a um tapete, não se explica a falta da orla; é uma verdadeira omissão. Vejam, por exemplo, os azulejos antigos da Sé Nova de Coimbra, explendidos tapetes, com magnificas orlas, tapete e orla differente, tudo *polychromico,* de bello effeito, e grande desenho, rasgado; fim do seculo XVI, até meado do seculo XVII.

Contamos alli seis padrões de tapetes e cinco de orlas. Os tapetes são cortados por linhas rectas, ou antes faixas (*bandas* e *contra-bandas,* como se diz em heraldica), que formam a *base geometrica* de toda a composição; dentro dos lozangos formados pelas faixas, espande-se a flora vegetal, o arabesco.

Outros exemplares muito mais antigos admiram-se na Sé Velha da mesma cidade ([3]); o desenho está traçado no barro, segundo o estylo dos grandes bordados modernos, que imitam hoje os do seculo XV e XVI. Temos por exemplo: 1.º um taboleiro, cingido nos quatro lados por quatro orlas; 2.º uma peça central, roseta; ás vezes quatro rosetas, uma em cada canto do rectangulo; outras vezes, varias rosetas em torno da peça central: uma corôa de estrellas, subordinadas a um planeta; 3.º linhas ou faixas traçadas em diagonal, estabelecendo um grande padrão geometrico.

Em todos os casos temos *polychromia* sempre, no seculo XV, XVI e XVII, mas na segunda metade d'este ultimo, cada vez mais pobre, até ao azul unico.

Modernamente voltou-se á polychromia, com timidez; a orla tambem vae reapparecendo no Porto; mas esquece-se a geometria, a grande composição geometrica, o *traçado,* dentro do qual se distribue a ornamentação ([4]).

A polychromia tinha as suas leis; mas deixemos isso por hoje. Tambem não analysaremos aqui a penuria dos esmaltes ceramicos na industria moderna; mas isto é questão de receita.

([3]) V. o que dissemos d'estes azulejos na *Ceramica Nacional*, Serie I.

([4]) Mas no Porto está-se commettendo um novo erro de estylo, fabricando-se azulejos de chapa diminuta; o padrão não se percebe senão ao pé! — um erro capital, quando o effeito de todo e qualquer azulejo deve ser calculado ao longe, excepto no alizar.

O pequeno christão, quadro a oleo pelo Sr. A. A. Gonçalves.

Esboço do auctor.

Margens do Mondego, desenho a carvão pela Ex.ma Sr.a D. Graziella Bastos.

Esboço da auctora.

Em summa, resumindo: ha falta de desenho, ha falta de côr no azulejo.

Este elemento decorativo, o azulejo, de valor incalculavel, deve ainda ter um grande futuro; é nosso, tem raizes no solo; cultivemol-o.

Espalhe-se por todo o paiz. Enchamos as ruas de tapetes — de barro, já que não temos os de lã e seda e ouro do tempo das conquistas. Guerra á côr branca, ao frio do Norte, côr e alegria nas casas, como em o nosso firmamento!

(Continúa)

Joaquim de Vasconcellos.

ORGÃO

O sr. Correia Lopes expoz um orgão, trabalho proprio, e unico no seu genero que se ostenta no certamen manufactureiro do districto.

É sempre bem vindo quem contribue para o progresso d'uma industria quasi nulla no nosso paiz.

O orgão construido pelo sr. Correia Lopes assignala-se pela força do som e pelo trabalho de marcenaria, que é bastante razoavel.

Honra a todos aquelles que trabalham no meio da atonia e negligencia caracteristicas das nossas industrias.

Coimbra, 28 de janeiro de 1884.

João M. Arroyo.

A CERAMICA

NA EXPOSIÇÃO DISTRICTAL DE COIMBRA

Fallemos primeiro da louça vermelha e preta, da olaria da aldeia, que tem atravessado seculos na obscuridade paciente e na reproducção fiel de fórmas antigas. Que mantem ainda hoje com uma ingenuidade archaica reminiscencias classicas das civilisações dominantes na penin-

sula: a linha da *amphora,* da *crátera* e da *cruche* greco-romana; a curva arabe; quantidade de typos diversos d'uma arte pura.

Na exposição de ceramica do Porto appareceram de varios pontos do paiz vasilhas d'um perfil admiravel de simplicidade e belleza. O que isto escreve tem apontamento de dezenas dos mais graciosos e correctos.

Infelizmente a collecção da louça rustica que se vê na exposição de Coimbra está muito longe de ser completa.

As numerosas sédes de fabrico dos arredores da cidade mostram, graças ao zelo dos delegados da commissão, alguns exemplos sufficientes para demonstrar o processo usual do fabrico, mas defficientes para ajuizar do peculio de fórmas, de que esta porção do paiz é depositaria.

Basta a enumeração simples das abundantes localidades de fabricação, para se avaliar da diversidade de typos que poderiam constituir uma das mais pittorescas secções d'este concurso.

Carapinhal, Espinho, Vialonga, Corga, Forcado e outras do concelho de Poiares, Cantanhede, Alfarellos, Cegonheira, Barcouço, e muitas mais ainda. Estas são, com mais ou menos aproximação, das mais importantes. Addicionem-se muitos outros pontos de secundaria valia, os que Coimbra e suas immediações encerram, e teremos um total respeitavel.

A acquisição completa não seria difficil; mas a commissão tinha a attenção distribuida e não podia applicar-se a uma especialidade.

E tanto mais importante seria a colleccionação por inteiro, que a olaria das aldeias está definhando de miseria; e o desespero vai-se apossando do pobre oleiro cançado de fadiga e de fome. O triste recurso da emigração já entrou com elles: ainda ha pouco do concelho de Miranda uma leva partiu para o Brazil. Uma porção de rodas inutilisadas, entregues ao caruncho ou para accender as lareiras e acalentar as mulheres e os filhos nos frios do inverno! E, como se sabe, os expedientes com que se combate um mal geral são mais contagiosos que o proprio mal.

Comtudo a exposição offerece exemplares bastantes para provar o valor e o estado da industria.

De Ribeira de Frades veio louça vermelha e verde envernizada (sulfureto de chumbo, coloração pelos oxidos metallicos), manilhas, telhas, etc., e merece justo reparo uma talha para casa de jantar, a dois barros misturados, com asas, imitação das Caldas.

A fabrica do Morto Vivo, de Coimbra, no mesmo genero, apresenta-se bem e chama a attenção pela modicidade do custo; uma collecção

de seis cassoulos vidrados, de boa apparencia e solidez, tem o preço de 165 réis.

O resto em proporção: tijolo, telhas, telhões, manilhas, recommendaveis pela experiencia; uma amostra de azulejo barato, para cosinha, garrafão grande vidrado, etc., etc.

De Miranda do Corvo veio uma serie de bilhas desde o tamanho regular até a ultima pequenez, um novo ramo de commercio introduzido nas romarias; o celebre asado e talha de Coimbra, com corações caprichosos desenhados no collo; alguidares vidrados, etc.

Bujos ostenta uma fabrica em barro — uma tarefa de lagar.

Vem ainda Saccarias (Arganil) com louça vermelha: um pipo, malgas, etc., de vidração ordinaria.

Arroça e Cordinhã com a sua louça preta engraçada; e finalmente, Leitões (Cantanhede) com vasos de barro, aguados de vermelho com uma feição terrivelmente selvatica e primitiva. Qualquer industrioso poderia aproveital-os sem difficuldade em favor de falsificações rendosas.

Cite-se ainda mais obra para construcção: telhas e tijolo, do concelho de Penella; preço, extraordinario de baratesa, e entremos na Figueira.

A Companhia mineira industrial do Cabo Mondego, além da exposição magnifica em vidraria, apresenta telha, telhões, tijolos de todos os generos, caleiras de argamassa de solidez garantida e amostras de cimento.

Saramago Junior mandou tijolos diversos, telhas e manilhas, que dizem bem construidas.

E finalmente ultimemos com João Amaro, que concorre com tijolos, telhas de varios systemas, optimas manilhas, placas de revestimento, para interceptar a humidade das paredes, que, se são efficazes, representam uma descoberta feliz; e em ceramica architectural: balaustres, um busto, florões, ornatos pyramidaes para platibandas, etc.

Tudo isto representando um esforço muito attendivel; mas ao mesmo tempo pondo a descuberto a falta enorme de instrucção artistica com que estão luctando os industriaes.

O material, cingindo-me ao parecer dos competentes, é bom; e a actividade ahi manifestada é digna d'uma posição florescente.

Ha aqui, como em alguns outros, que já citei, e ainda outros de que fallarei, a diligencia digna de todo o louvor e que lhes faz honra; mas desajudada d'uma idea qualquer de bom gosto e das condições ornamentaes de cada genero de trabalho. E não é n'uma industria só, é em

quasi todas que este clamor unisono se levanta em todas as exposições.

Que o governo faça com tino e quanto antes a escolha dos mais conspicuos e abalisados professores europeus; que, á similhança do Marquez de Pombal, os mande vir de fóra do reino, ensinar ás crianças e desvendar ás *multidões barbaras* d'este paiz os mysteriosos recessos d'essa nebulosa metaphysica, a que em toda a parte civilisada se dá simplesmente o nome generico e profano de — *desenho industrial!* . . .

A. Gonçalves.

AS FABRICAS DE PAPEL

QUE SE FIZERAM REPRESENTAR NA EXPOSIÇÃO DE MANUFACTURAS DO DISTRICTO DE COIMBRA

PROMOVIDA PELA ESCHOLA LIVRE DAS ARTES DO DESENHO

I

Em antigos tempos, quando ainda não era conhecido o papel, escrevia-se em taboas, para isso previamente preparadas com uma pequena camada de cera virgem, alvaiade ou gesso: depois foi das folhas das arvores e do entrecasco d'estas que os homens se serviram, e mais tarde alcançaram o pergamo de pelle de varios animaes, mas em especial da cabra.

Mas, pondo de parte esta velha antigualha na escripta, limitar-nos-hemos, n'este pequeno esboço, a tratar da historia do papel e do modo como deu entrada na peninsula e se vulgarisou pelo reino de Portugal.

Entre alguns dos nossos escriptores vigora a opinião de que os povos sarracenos, chegados do oriente, trouxeram o papel ás Hespanhas e que d'estas se espalhara depois por toda a Europa.

O fabríco do papel foi primitivamente de duas qualidades, a primeira de teias de linho finissimas que se teciam em Carto, cidade de Tyro, e n'estas se escrevia; a segunda era de farrapos de linho e algodão.

Referindo-nos á nossa peninsula, que nos conste, o papel não foi conhecido antes do seculo XII; isto é, se dermos credito ao que testifica a academia de Barcelona firmada em documento, esta assevera com todos os visos de verdade que a concordata entre o nosso primeiro rei, o sr. D. Affonso Henriques, e Affonso IX fôra escripta em papel *muito similhante ao que hoje se usa.*

Para nós é ponto muito duvidoso se um e outro rei saberiam escrever; todavia — respeitemos a opinião dos illustrados sabios peninsulares, que nos dizem *examinaram o documento.*

Se o documento em que a academia de Barcelona se funda não é, como muitos outros que por cá temos, forjados nos archivos por habeis e espertos monges, temos de acreditar que a introducção do papel na peninsula foi pelo seculo XII.

E era bem de ver que, existindo o papel em Hespanha, se não demorasse a sua entrada no reino vizinho, Portugal; porém decorreram quatro reinados, e durante estes não temos um só escriptor que achasse documento escripto em papel; todos em pergaminho amarellado.

Vem o seculo XIII, e é a historia que nos diz que *algumas das inquirições,* mandadas fazer ou ordenadas pelo senhor D. Affonso III, o bolonhez, eram escriptas em *papillo*, que assim se chamava ao papel de linho.

Entra o seculo XIV, e n'este vemos que já o papel se generalisara por todo o reino; mas, aferrados aos antigos usos, os tabelliães e mais homens publicos não deixavam o pergaminho: foi necessario fazer-se uma lei que os obrigasse a isso.

Um rei sabio, o sr. D. Diniz, o lavrador, pela sua lei promulgada em 1305 obriga terminantemente os tabelliães a deixarem o pergaminho e a escreverem todas as suas notas *em livros de papel.*

Obrigados pela lei, os notarios publicos cumpriram; porém, costumados a fazer uso do pergaminho, por muito tempo ao papel lhe deram aquelle nome; isto nos mostra um antigo documento, existente no rico archivo universitario, em que o tabellião fecha este com as seguintes phrazes: — *scripto em polgaminho de papel.*

É pois claro que, se ao seculo XII devemos a introducção e conhecimento do papel na peninsula, no seculo XIV é que se generalisou mais por todo o nosso paiz.

II

São quatro as fabricas de papel que vemos representadas na presente Exposição promovida pela Eschola livre das Artes do Desenho: trataremos d'ellas pela ordem da sua antiguidade.

LOUZÃ

A Cintra conimbricense dos antigos tempos, quando esta cidade era a côrte da regia dynastia affonsina, a villa da Louzã, dista da capital do districto 28 kilometros.

N'esta aprazivel villa, seguindo um extenso valleiro regado pela ribeira de S. João no sopé da grande serra, distanciado da villa um e meio kilometro assenta a mais antiga fabrica de papel que existe no reino.

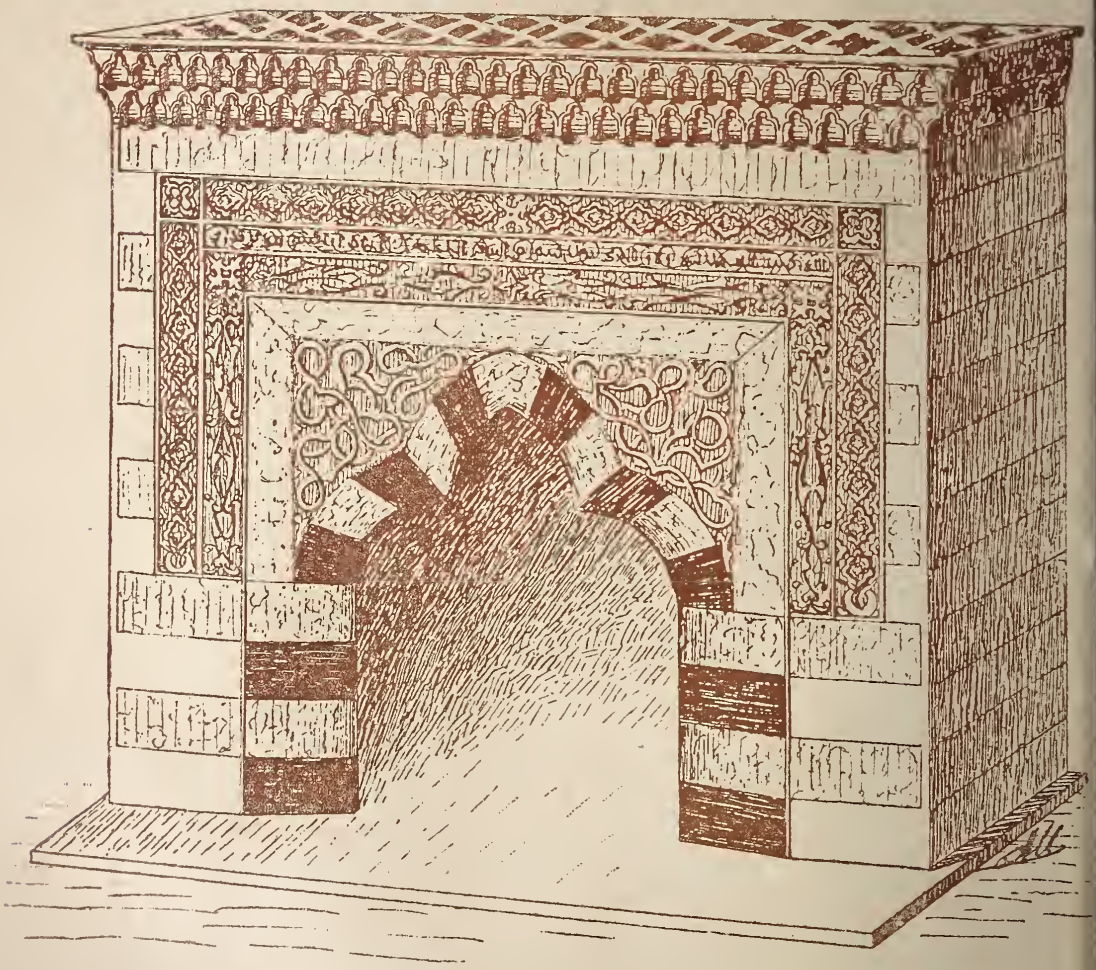
Diz-se que um extrangeiro no principio do seculo passado fundara esta fabrica; a historia porém calou o seu nome.

De informações e alguns poucos documentos, que podémos colher e ver, colligimos que uma familia genoveza, cujo chefe era José Maria Tomati, chegara no seculo passado á villa da Louzã; uns dizem que foragida por causa d'um grande crime, outros que chamada pelos jesuitas.

José Maria Tomati foi por muitos annos mestre e director da fabrica, e por seu fallecimento seguiu-se-lhe no mesmo emprego seu filho Paulo Francisco Tomati. D'esta familia existe muita descendencia, não só na villa da Louzã, mas no imperio do Brasil; porém o povo por corrupção mudou o appellido e chama-lhe — Tomate.

Seria o genovez José o fundador e primeiro senhor da fabrica? Para já não podemos averiguar.

Vogava a opinião de que a fabrica estava sob a protecção do collegio dos jesuitas de Coimbra, que, fundando a sua typographia em 1710, do seu papel se forneciam para algumas impressões, pois lhe ficava, posto na mesma typographia, a 600 réis a resma.



Fogão de sala, executado na officina do Sr. João Ferreira Maia, segundo um desenho do Sr. Annibal Maia e sob a sua direcção.

Esboço do Sr. A. Maia.

A' beiramar, desenho a carvão pelo Sr. A. Barbosa.

Esboço do auctor.

Negamos esta protecção; porque, a existir, o seu proprietario não precisaria de recorrer ao governo do sr. D. João V para haver d'elle de emprestimo 1:800$000 réis, para os empregar na fundação da fabrica. Antes se prova que toda a protecção lhe provinha do governo, pois que em seu beneficio sahiu o alvará de 10 de abril de 1749, que prohibiu terminantemente toda a exportação de trapo, que em grande escala se fazia então pela barra de Lisboa.

O que prova de sobejo que os jesuitas lhe não dispensavam nenhuma protecção é que, apesar do seu proprietario lhe fornecer o papel, consentiram que a fabrica lhe fosse tomada pelo governo, para com ella se pagar do capital e juros em divida, cujo capital e juros elles lhe adeantariam, se o protegessem.

Tomada pelo governo a fabrica, foi entregue a sua administração ao negociante e capitalista da praça de Lisboa, João Antonio d'Amorim Vianna, que a teve até ao anno de 1821; e n'este anno o governo a mandou pôr em praça, porque o seu rendimento não satisfazia os encargos da administração.

Tal era o estado da fabrica de papel da Louzã, acanhado, rachitico e mesquinho, quando passou para João José de Lemos.

Nenhum escriptor traçou com tanta mestria o desenho da importante fabrica, como A. Forjaz. Ouvi: — «As tortuosidades, que vai fazendo o «valleiro encobrem os thesouros que guarda em seu seio. É o assento «da fabrica, da qual se não avista alguma parte até chegar-se ao todo «do edificio. O espaço que as serras deixam para as casas e para o «alveo da ribeira, é tão estreito, que foi forçado accumular officinas «sobre officinas, ficando todas arrumadas á serra da direita, e com o «telhado tocando na ladeira, em quanto que o rio da outra banda vê «prender igualmenie sobre si a serra da esquerda.

«O céo mostra-se como uma larga fita azul sobre as cabeças; e o sol «no inverno não chega aos telhados do edificio.

«Uma casa nova e elegante sobre a direita do Arouce, seguida de «uma boa capella e officinas que volvem sobre o rio; da esquerda «algumas hortas e um formoso jogo da bola, assombrado por uma no«gueira colossal, e outras arvores á margem da corrente; entre os edificios «e as hortas um bom pateo, é este o desenho exterior da fabrica.»

A sr.ª Viuva Lemos & Filhos são hoje os proprietarios da fabrica; e tem o seu interior sido muito melhorado munindo-se de novas ma-

chinas. Emprega na manipulação do papel 180 operarios de ambos os sexos.

As principaes amostras de papel que esta fabrica expoz são almassos azul e branco, oitavos, cartões-musica, mesenas, manteigueiros azul e branco, cartuxo e meio cartuxo azul, branco e pardo.

Só fabríca papeis de linho, de fôrma. Não são agradaveis á vista os papeis d'esta fabrica; mas para livros commerciaes, tombos de propriedades, ou outros quaesquer livros que devam durar, prefeririamos sempre os papeis d'esta fabrica.

GOES

A villa de Goes dista da capital do districto 38 kilometros.

Em 1821 á Ponte do Sotão fundou o sr. Manuel Ignacio Dias a sua fabrica de papel, que reformou completamente em 1877, mandando vir as melhores machinas do extrangeiro, e entre estas lhe veio uma que produz 2.500 kilos de papel dentro de 24 horas de trabalho.

Emprega esta fabrica 150 operarios de ambos os sexos.

É muito variada a exposição dos seus productos em papeis d'algodão, como almassos brancos e azues, de peso, brancos e de varias côres, pautados e não pautados: todos estes papeis são agradaveis á vista. Outro tanto não podemos dizer do papel de impressão, que julgamos muito imperfeito; exceptuando o papel de côr, que nos parece perfeito, e que rivalisa com o que nos vem do extrangeiro.

ESPINHAL

Á ponte do Espinhal fundou o sr. Ayres Augusto Quaresma d'Almeida uma fabrica de papel.

Em 1874 abriam-se os seus alicerces, e n'elles o sr. Quaresma depositava a primeira pedra com geral satisfação de todos os habitantes, que viam nascer na localidade uma nova industria, que para os povoados é sempre uma grande riqueza.

O trabalho na edificação cresceu, e de tal modo que em 10 de agosto de 1875 se dava fim ao assentamento do vigame, e as espaçosas salas estavam promptas para receber todo o machinismo. Chegadas todas as machinas ao Espinhal em 1876, o sr. Quaresma montou então a sua fabrica de papel.

Mas como o *homem põe e Deus dispõe,* em 18 de maio, 28 de junho e dezembro de 1876, tres memoraveis cheias causaram tantos estragos no edificio, que para se repararem calculou o seu proprietario que gastou de despeza 7:000$000 de réis.

Finalmente em julho de 1877 a fabrica trabalhava, e sahia o primeiro papel almasso de linho, perfeito e bem acabado como o vemos.

O sr. Quaresma emprega na sua fabrica 50 operarios de ambos os sexos.

O papel exposto é almasso branco e azul, florete, pautado a agua e papel de embrulho: julgamol-o muito perfeito e bem acabado.

PENELLA

O sr. Luciano Fernandes Falcão fundou nas proximidades da villa de Penella uma fabrica de papel e expoz almassos de 1.ª, 2.ª e 3.ª qualidades, branco e azul, meio cartucho e papel pardo de embrulho. Para uma fabrica, cujo machinismo ainda é todo antiquado, o papel não é imperfeito, e tem muita extracção para as lojas de peso pela sua barateza.

Coimbra, 2 de fevereiro de 1884.

A. M. Seabra d'Albuquerque.

MOBILIARIO

É certo que toda a producção artistica depende do modo de ser, condições e circumstancias das sociedades; mas esta dependencia, em geral muito proxima com relação ás artes industriaes, é sobremodo intima e concordante para o mobiliario.

E assim devia ser. Util, confortavel e decorativo, acommodado ás varias e variaveis exigencias da vida humana, destinado ao uso familiar e quotidiano o mobiliario denuncia sempre e caracterisa com segurança o espirito reinante do seu tempo.

A obra que actualmente produzem os nossos artistas não tem em geral caracter pronunciado em ordem a um determinado ideal, antes apresenta mistura e confusão, em grande parte motivadas pelo sentimento dominante de luxo banal e burguez.

Com a marcenaria deu-se ainda uma circumstancia, que certamente deve ter retardado o seu desenvolvimento: — foi a mania de mobilar *á antiga*.

Este accidente retrospectivo fez resuscitar o mobiliario primoroso dos seculos XVII e XVIII, d'um delicioso conforto para os nossos avós, que eram de tempera rija, mas que para nós é pesado e incommodo.

O mobiliario d'então, além de já não poder satisfazer a requisitos essenciaes, mal se casa com o arranjo das habitações modernas.

Póde o contraste satisfazer um capricho; mas onde falta a coherencia não ha arte.

Por isso os typos do tempo que passou, aliás elegantes e magestosos, sómente devem entrar nas collecções e onde quer que possam caber como curiosidades de bom gosto; — nunca como parte integrante da decoração das habitações d'hoje.

Aos nossos artistas não falta geralmente habilidade, e a prova é que reproduzem satisfatoriamente qualquer modelo; porém falta-lhes educação artistica, orientação esthetica.

Na actual Exposição Districtal de Coimbra apparece o mobiliario em pequena quantidade, apezar de haver n'esta cidade bastantes officinas de marceneiro. Deve porém notar-se que o mobiliario que se vende nos seus depositos vem em grande parte do Porto e de Lisboa.

Como o catalogo dará conta de todos os objectos, sómente me referirei aos mais notaveis.

O guarda-vestidos de pau preto do sr. Antonio Rodrigues Junior, de Coimbra, é um bonito trabalho, no estylo portuguez que appareceu no meado do seculo XVIII. O todo é elegante e de effeito, a technica excellente; mas a composição do desenho apresenta alguns anachronismos de pouca monta e que talvez se podessem corrigir facilmente. Assim as mizulas volutadas nos angulos das faces não pertencem ao estylo, bem como claramente lhe não pertencem taes espelhos e puxadores de metal.

O sr. Luiz Antonio Mattheus Serrano, da Figueira, expõe uma meza de choupo envernisada a preto e mate. Assignala-se pela correcção e elegancia do desenho.

A officina de canteiro do sr. João Ferreira Maia, de Coimbra, no seu genero a mais importante da cidade, apresenta-se bizarramente no certamen.

Com effeito o seu fogão de sala *(cheminée)* de varios marmores nacionaes é um *bijou* gracioso e elegante, em que o estylo arabe está interpretado com consciencia e rigor, no que se manifesta a intelligencia illustrada da direcção technica d'este estabelecimento.

O colorido natural e irregular dos marmores de Cintra, Extremoz e Lagarteira, alem de dar a mancha, não seria capaz de produzir por si só o effeito polychromico proprio do estylo arabe — o mais rico, fantasioso e sensual dos estylos; d'onde resultou naturalmente a necessidade de pintar os fundos. Portanto o emprego de marmores preciosos, augmentando consideravelmente o valor intrinseco, não augmentou na mesma proporção o effeito pittoresco.

Como o typo arabe se conforma perfeitamente com os climas quentes, parece que o estylo diverge do objecto. Todavia se é do Alcorão a inscripção *cufica*, cae por terra a objecção.

A. Barbosa.

MADEIRAS

Não é pobre a collecção de amostras de madeira que encerra o recinto onde se exhibe a Exposição de Manufacturas do Districto de Coimbra, encontrando-se ali representados, e muito bem, os concelhos de Penella, Condeixa, Oliveira do Hospital, expondo alguns distinctos cavalheiros d'estes concelhos, a par d'outros productos, diversas amostras de madeiras das melhores do paiz, e que são geralmente empregadas na marcenaria e construcção de utensilios agrarios, taes como: carvalho, nogueira, castanho, pereira, cerejeira, ulmeiro, freixo, sôbro, etc.

O concelho porém mais bem representado é o de Coimbra, sendo unica expositora a Direcção das obras do Mondego, a qual apresenta um numero elevado de amostras de madeiras provenientes da matta do Choupal.

É d'algumas d'estas (das mais importantes) que me occuparei, já por estar directamente sob a minha fiscalisação a exploração e replantação d'aquella matta, já porque algumas d'essas madeiras são de arvores exoticas ainda muito pouco ou quasi nada conhecidas no paiz.

Acacia dealbata, *Link*. Da grande familia das *Leguminosas* e do genero *Acacia*.

É esta arvore uma das mais formosas; mas não é só sob este ponto de vista que a devemos considerar. A sua madeira, de bôa côr e fibra, é com muita vantagem empregada em marcenaria, para o que tem sido bastante procurada no armazem das obras do Mondego.

Acer negundo, *L.*

A sua madeira é conhecida pelo nome de páo ferro, provavelmente allusão á sua dureza.

Eucalyptus obliqua, *L'Hér.*

E' uma das maiores arvores do genero, pelo que tambem é conhecida pelo nome de *Eucalyptus gigantea*. Temos empregado a sua madeira, bem como a de outras especies d'este genero, nas pontes da matta do Choupal, tanto de baixo d'agua como fóra d'ella; e temos verificado que tem igual e ás vezes maior duração do que a de pinho da terra. A superioridade sobre esta ultima madeira foi principalmente reconhecida na sobrestructura ou sôlho dos taboleiros das ditas pontes. E' de notar que as madeiras empregadas eram de arvores de 12 a 15 annos de idade.

Eucalyptus globulus, *Labill.*

Quem não conhece hoje esta arvore? Quem não tem admirado o seu rapidissimo crescimento e o seu porte vigoroso?... São estas qualidades, e ainda a excellente qualidade da sua madeira que lhe dão a preferencia entre as suas congeneres.

Na matta do Choupal ha exemplares de 14 annos que attingem 30 metros d'altura

Gleditschia triacanthos, L. (Espinheiro da Virginia, vulgar).

A sua madeira é muito rija, e tem sido empregada nas obras do Mondego em maços e calcões, durando estes tanto, não obstante serem de arvores muito novas (13 a 15 annos), como os de madeira de sôbro ou de freixo. Pela sua bonita côr e qualidade póde ser empregada em marcenaria.

Juglans nigra, *L.* (Nogueira preta da America).

A madeira d'esta bella arvore, já bem conhecida entre nós, é principalmente empregada em marcenaria. Dá-se muito bem na matta do Choupal, onde ha grande numero de exemplares.

Melia Azedarach, L.

Conhecida entre nós pelo nome de *Cicomoro* ou *Arvore conteira*. O seu porte é gracioso, e a sua madeira póde e deve occupar um logar distincto na marcenaria.

Platanus orientalis, L.

Esta bellissima arvore, muito propria para alamedas, é de crescimento rapido, e dá-se bem nos terrenos leves que tenham alguma humidade. A sua madeira é considerada a melhor na cathegoria das madeiras tenras, e tem diversas applicações.

Populus tremula, L. (Choupo tremedor).

Arvore conhecidissima principalmente em Coimbra, onde, juntamente com diversas especies de salgueiro, borda as margens do seu formoso rio. A sua madeira tem sido largamente empregada n'esta cidade em grande numero de edificações, já em portas, já em vigamentos, já em madeiramentos. Podemos quasi affiançar que não ha em Coimbra edificio pubico ou casa particular, construido ou reparado ha dez annos a esta parte, onde esta madeira não tenha sido empregada.

Salix alba, L. (Salgueiro branco).

É a especie empregada na fabricação dos palitos.

Coimbra, janeiro de 1884. *M. Esteves.*

PIANO

Na exposição de manufacturas do districto acha-se um piano confeccionado pelo sr. Aloysio Ferreira, e sobre cujo merito pedem a nossa opinião humillima.

N'um paiz em que o fabríco dos instrumentos musicaes está reduzido ao estado mais rudimentar e primitivo, é sempre louvavel a coragem dos homens que se distinguem dos seus conterraneos pela tenacidade no esforço, e pelo cosmopolitismo das suas aptidões.

E é sobretudo sob este ponto de vista que o instrumento fabricado pelo sr. Aloysio se torna apreciavel; tudo o que o constitue, desde o trabalho de talha até á collocação das cordas, fabríco das teclas, dos pedaes, etc., tudo foi feito pelo incansavel constructor. Achamos extremamente louvavel a sua boa vontade, e lamentamos que o nosso meio não seja proprio para educar os artistas, e muito menos para os remunerar condignamente.

Coimbra, 28 de janeiro de 1884.

João M. Arroyo.

SUMMARIO

TEXTO = *Industrias historicas e industrias caseiras — I — O azulejo — o tijolo na architectura* — Joaquim de Vasconcellos = *Orgão* — João M. Arroyo = *A ceramica na exposição districtal de Coimbra* — A. Gonçalves = *As fabricas de papel que se fizeram representar na exposição de manufacturas do districto de Coimbra promovida pela Escola Livre das Artes do Desenho* — A. M. Seabra d'Albuquerque = *Mobiliario* — A. Barbosa = *Madeiras* — M. Esteves = *Piano* — João M. Arroyo.

DESENHOS = *O pequeno christão* — A. A. Gonçalves = *Margens do Mondego* — D. Graziella Bastos = *Fogão de sala* — A. Maia = *A' beira-mar* — A. Barbosa.

REVISTA ILLUSTRADA

DA

EXPOSIÇÃO DISTRICTAL DE COIMBRA

EM 1884

Preço dos 4 numeros.... 300 réis

Administração — Praça do Commercio, n.º 11, Coimbra.

OFFICINA DE ENCADERNAÇÃO DE ABILIO SEVERO

RUA DE FERNANDES THOMAZ — COIMBRA

Capas de percalina para a *Revista Illustrada da Exposição Districtal*

Preço da capa e encadernação.... 400 réis

EXPEDIENTE — Pede-se aos sr.s assignantes que ainda não satisfizeram as importancias das suas assignaturas o favor de as mandarem satisfazer.

N.º 3

Março — 1884

INDUSTRIAS HISTORICAS

E

INDUSTRIAS CASEIRAS

II

O TIJOLO NA ARCHITECTURA

Os arabes souberam applicar o tijolo admiravelmente, e em larga escala em Hespanha. Recordaremos a *Torre de la Giralda,* em Sevilha, que pertence á esplendida cathedral gothica.

Só uma pequena parte da base, na altura de dous metros, é de pedra, tudo o mais é, na parte arabe (1) de ladrilho, ou tijolo.

Ha outros exemplares de torres de tijolo na mesma Sevilha (igreja de *Omnium Sanctorum);* em Teruel, San Martin; em Zaragossa, San Gil e La Magdalena, e sobre tudo a celebre *Torre nueva;* em Toledo a torre de San Pedro Martyr, etc., tudo de tijolo, todas arabes ou mosarabes (mudejares) até 1600.

Nas construcções civis ha tambem grande numero de exemplares muito notaveis, por exemplo:

Em Toledo o palacio de D. Pedro, *o cruel* (seculo XIV), a casa do judeu Samuel Levi; a casa *Lonja* ou Bolsa de Zaragossa, no estylo do Renascimento (meado do seculo XVI).

Emfim, para completar o quadro com um edificio feudal militar, citaremos o castello de Coca, na provincia de Segovia (2).

---

(1) A parte superior é uma obra greco-romana do architecto Fernan Ruiz.

(2) Laurent publicou photographias de todos estes monumentos, os quaes visitámos de 1871 a 1876.

A construcção em tijolo, e em ponto grande, continuou no seculo XVII e XVIII, como se póde ver no Palacio San Telmo (residencia dos Duques de Montpensier) em Sevilha.

Em Portugal os architectos não souberam ou não quizeram tirar partido do tijolo. Em algumas regiões o esquecimento explica-se pela abundancia de materiaes superiores: em o Norte o granito, no Centro os bellissimos calcareos.

É nas provincias do Sul, principalmente no Alemtejo, que encontramos o tijolo, applicado em maior escala, com intelligencia e com gosto, já como elemento constructivo, já como elemento decorativo.

Foi destruido ha poucos annos um monumento pequeno, mas notavel, um exemplar unico no genero, entre nós: a torre chamada de *Sertorio* no aqueducto de Evora; incommodava não sei quem! Até as columnas de ordem ionica composita eram formadas de tijolos, vestidas de cal; do mesmo modo os pilares do segundo corpo; a platibanda intermedia era porém de calcareo ([3]). Epoca: D. João III.

Na mesma cidade ha outras edificações curiosas em que o tijolo se acha applicado como elemento constructivo e decorativo:

Palacio de D. Manuel (passeio publico), arcaria de estylo mosarabe, muito notavel.

Palacio Cadaval (das cinco quinas), janellas mosarabes do pateo interior.

Em Estremoz: Paço do infante D. Fernando (pae de D. Manuel), janellas do mirante; mosarabes.

Em Alvito: Castello de Alvito, fundação de D. João II; janellas com arco de ferradura, mosarabes.

Tanto no palacio Cadaval, como no paço de D. Manuel os arcos são sempre de ferradura; o tijolo está pintado com ôcre muito vivo; os motivos rendilhados são muito notaveis. O effeito é principalmente decorativo.

No paço do Infante o arco é de ferradura e geminado n'uma só janella; na outra janella é pentagonal (octogono a que faltam tres lados inferiores).

A applicação do tijolo, como elemento exclusivamente decorativo, foi feita em larga escala nas varandas das casas (substituindo o ferro, mais

---

([3]) Ha uma boa photographia de Laurent.

caro), nas chaminés, como ventiladores, nas torres dos sinos para commodidade das discretas freiras, que queriam ver o mundo, sem serem vistas; ou então simplesmente como ornato, para rematar artisticamente qualquer parte superior de um edificio.

Em Evora, em Villa-Viçosa, em Setubal, no Algarve, em Tavira e até em Loulé, etc., fizemos uma serie de desenhos d'essas grades, collecção curiosa e variada.

Repare o leitor, se algum dia fôr a Setubal, no convento de Jesus, fundação da epoca de D. João II e D. Manuel, encontra na torre dos sinos um desenho muito notavel de grade; é um hexagono, com um tri-folio (tri-lobulo) inscripto em cada um dos seis triangulos equilateros; o effeito é bellissimo.

Em Loulé desenhámos uma serie de chaminés curiosas, ornamentadas com grades de tijolo.

Em Evora é notavel a grade da casa n.º 42 do Largo da Porta Nova, desenho de hexagonos e lisonjas.

Lembraremos mais:

Uma varanda na rua do Lagar do Cebo; outra em frente da rua dos Touros; duas janellas do seculo XVI na casa n.º 41 da rua da Cadeia, applicação puramente decorativa, no genero das *arcades fausses,* n'um taboleiro superior ás janellas, que são propriamente quadradas.

Podiamos citar ainda outros typos de grades em Estremoz, por exemplo, no já citado paço do infante D. Fernando.

Entre as grades de torres é necessario citar principalmente as de Evora (Torre do Salvador, Vera Cruz, Santa Clara!) e as de Villa Viçosa.

Tambem vimos em Evora, na rua da Mesquita, no interior de uma casa, uma divisão de quarto curiosa; era um grande arco de volta redonda fechado até baixo por uma grade de tijolos, simples, mas elegante; a meia altura tinham talhado uma pequena porta quadrada, moderna.

Este exemplo de applicação *interior* parece não ser vulgar.

Na mesma região de Evora tem certa fama (e caracter local) uma construcção de abobada de tijolo, que chamam de *abobadilha.* Não podemos, por falta de espaço, entrar aqui em minucias a este respeito, mesmo porque consideramos aqui o tijolo, principalmente como elemento decorativo.

Concluimos com um exemplo de mosaico de tijolo, muito raro. Póde ver-se no refeitorio do convento dos Loyos (Evora), cujo pavimento está

Mater dolorosa, desenho a carvão pela Ex.ma Sr.a D. Libania Gonçalves.

Esboço da auctora.

forrado de tijolos; no centro um desenho geometrico polychromico, de caracter classico, que lembra logo as *intarsiaturas* italianas do seculo XV.

Como o leitor vê, o modesto tijolo serviu para muita cousa aos nossos antepassados. Visitando as cidades e villas do Alemtejo, deve convencer-se de que o tijolo póde servir ainda para mais alguma cousa do que chaminés de fabricas. Com o tijolo o homem mais pobre póde dar á sua casa um caracter artistico, variando sómente a disposição das pequenas pedras, fazendo recuar ou resaltar algumas linhas (veja-se a fachada da egreja de Santa Maria em Calatayud); e a nós importa-nos, sobretudo, educar estheticamente as massas, em ponto grande, e com elementos baratos, que estão á mão.

A pintura do tijolo, em Evora, com ôcre fingindo côr de sangue, é uma indicação tradicional, um aviso (4). Comprehende-se, avalia-se facilmente o effeito do tijolo, combinado com o calcareo amarellecido, dourado pelo tempo.

Tratemos pois de estudar a applicação decorativa do azulejo e do tijolo, mesmo porque em Evora o azulejo é um simples tijolo *vermelho*, vidrado; differe só em ser quadrado e esmaltado (vejam-se os azulejos do convento do Espinheiro, perto de Evora, e a capella de São Braz em Evora).

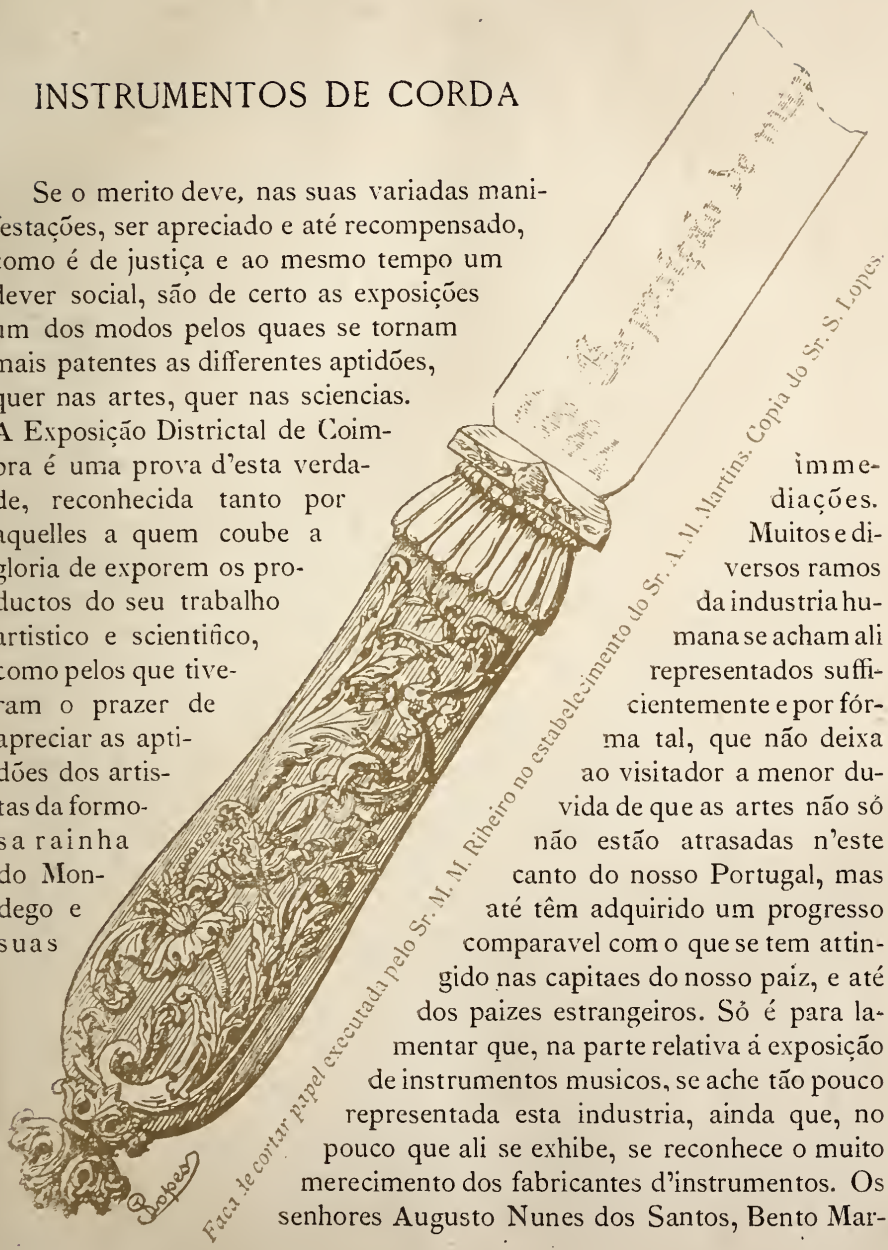
Joaquim de Vasconcellos.

---

(4) Os gregos pintavam egualmente os seus vasos, dando côr uniforme ao barro.

INSTRUMENTOS DE CORDA

Se o merito deve, nas suas variadas manifestações, ser apreciado e até recompensado, como é de justiça e ao mesmo tempo um dever social, são de certo as exposições um dos modos pelos quaes se tornam mais patentes as differentes aptidões, quer nas artes, quer nas sciencias. A Exposição Districtal de Coimbra é uma prova d'esta verdade, reconhecida tanto por aquelles a quem coube a gloria de exporem os productos do seu trabalho artistico e scientifico, como pelos que tiveram o prazer de apreciar as aptidões dos artistas da formosa rainha do Mondego e suas immediações. Muitos e diversos ramos da industria humana se acham ali representados sufficientemente e por fórma tal, que não deixa ao visitador a menor duvida de que as artes não só não estão atrasadas n'este canto do nosso Portugal, mas até têm adquirido um progresso comparavel com o que se tem attingido nas capitaes do nosso paiz, e até dos paizes estrangeiros. Só é para lamentar que, na parte relativa á exposição de instrumentos musicos, se ache tão pouco representada esta industria, ainda que, no pouco que ali se exhibe, se reconhece o muito merecimento dos fabricantes d'instrumentos. Os senhores Augusto Nunes dos Santos, Bento Mar-



Faca de cortar papel executada pelo Sr. M. M. Ribeiro no estabelecimento do Sr. A. M. Martins. Copia do Sr. S. Lopes.

tins Lobo, ambos de Coimbra e o Sr. Antonio Duarte Mendes, da Figueira, exposeram alguns instrumentos dignos, na verdade de serem apreciados e analysados.

O Sr. Augusto Nunes dos Santos expoz uma guitarra cujo tampo superior é orlado de embutidos de madeira e de madreperola, tendo por baixo do cavallete uma lyra dos mesmos embutidos.

O Sr. Antonio dos Santos apresentou dois especimens, um de viola d'arame, outro de viola franceza: o primeiro é notavel pela regularidade com que está feito o delineamento da cercadura dos embutidos de madreperola que guarnecem o tampo superior, regularidade que falta muitas vezes nos instrumentos d'este genero: o segundo tambem ornado de embutidos bem dispostos, tem a cabeça elegantemente talhada e os buracos para as caravelhas forrados de madreperola e por fóra um disco de osso, o que faz com que a parte superior do instrumento esteja bem elegante. Pena é que o som não corresponda aos bonitos exteriores e que, pela má construcção do braço, haja uma distancia maior do que a que se requer entre as cordas e o braço, o que torna o instrumento aspero.

O Sr. Antonio Duarte Mendes apresentou uma viola franceza bem acabada exteriormente, mas com os mesmos defeitos da que expoz o Sr. Antonio dos Santos.

O Sr. Bento Martins Lobo apresentou uma guitarra com forma de lyra, bem acabada, e uma viola d'arame, que é o instrumento d'este genero mais bem acabado que se encontra na Exposição, já pela delicadeza e elegancia do cavallete com embutidos, como pela elegancia da cabeça e perfeição das caravelhas que tem um pequeno botão d'osso onde as cordas se prendem para afinar.

Por esta pequena collecção d'instrumentos se póde avaliar que ha no nosso pequeno paiz bastantes aptidões ás quaes falta só uma boa escola, isto é, ver o que se fabrica de bom (especialmente em violas francezas) nos outros paizes, como em Hespanha, França, Allemanha; pois que só assim se poderão remediar os defeitos de construcção que egualmente se apresentam n'estes instrumentos: e quando o comprador de qualquer d'estes instrumentos poder entender que a boa qualidade d'elles consiste na perfeita afinação, no bom som e não na quantidade de ornatos que possa ter, estou certo que os fabricantes se esforçarão por construir taes

instrumentos de fórma que preencham o fim para que são destinados. A bondade de um instrumento não está na boa ou má impressão que nos desperta á vista, mas sim ao ouvido.

Coimbra, 21 de fevereiro de 1884.

Antonio Simões de Carvalho Barbas

A CERAMICA

NA EXPOSIÇÃO DISTRICTAL DE COIMBRA

Mais dois passos pela galeria superior ao claustro e paremos em frente das mesas que contêm a *louça branca*.

A ceramica de Coimbra é representada por tres expositores! A quarta parte das fabricas existentes! É uma prevenção nada agradavel para os que sabem que a prosperidade d'uma industria não significa apenas uma vantagem para o que a explora, como lhe apraz, em seu interesse.

Este facto é inexplicavel, porque a classe tem industriaes intelligentes e a sua ausencia denuncia uma grande depressão de idéas. No seu retrahimento que especie de affirmação póde haver? Collocados na negativa o mais que pódem é depreciar os creditos da industria.

Mas, pondo de parte os contumazes, dediquemos toda a attenção para o que ali temos á vista, em abundancia e em abundante variedade de trabalho, não me furtando ao cuidado d'uma declaração talvez prolixa.

Não me empenho em contundir susceptibilidades. Aqui, estamos pouco habituados á franqueza da opinião; onde ha objecção, logo se descobrem mil propositos remotos de offensas imperdoaveis. Todas as vaidades são intolerantes; mas esta abstenção da lealdade produz jactancias d'uma sevicia implacavel. Que me salve a intenção.

Ora eu, ácerca da faiança de Coimbra, devo confessar que professo esta opinião radical: ou lhe dão escola, ou a matam.

Não é propriamente no fabrico, na technica, que está o defeito capital; sou incompetente para avaliar de que melhoramentos seja susceptivel, supposto que pelo exame apparente e comparação com peças idosas eu podesse esclarecer-me e tirar alguma conclusão desfavoravel. Mas dou tudo isso de barato; o que me faz reclamar é a penuria da arte.

Esta é a questão; e poderia mais uma vez documentar este juizo.

No geral, a qualidade da louça exposta é racionalmente boa, desempenada, consistente e de vidração bem estendida. O que lhe falta é gosto e desenho: desenho e gosto na fórma; gosto e desenho na pintura.

Isto parece incontestado, mas, que o não fosse, as provas são evidentes.

Á exposição concorreram os sr.s Adelino Pessoa & Irmãos, José Antonio dos Santos e Leonardo Veiga.

Os sr.s Pessoas apresentam sómente louça do seu consumo ordinario, productos baratos para os mercados populares. Apparecem as interessantes pinturas: plumagens, flores caprichosas, algas e a penna de pavão, feição caracteristica da faiança coimbrã, «a unica, diz o sr. J. de Vasconcellos, que em Portugal representa a tradição oriental». Pena é que o arrebique já comece a desfigural-a.

Ouvimos que esta fabrica emprehende largas tentativas para melhorar os seus processos; e póde fazel-o, porque dispõe do concurso intellectual d'uma competencia da maior valia.

Os outros dois industriaes, a par da fabricação corrente, collocam especimens excepcionaes, para evidenciar os seus recursos.

Comecemos pelo sr. Santos. Esta fabrica, muito conceituada, apresenta balaustres, decorações e bacias de sifão bem vidradas, de que tem feito uma especialidade importante: pequenas bijouterias de mesa sobre padrões na maior parte conhecidos, um genero que daria resultados com uma palheta original e educada; boa louça de lavatorio, etc., etc.

Os vasos para jardim, de grandes dimensões, offerecem pouca firmeza ás exigencias da arte; e tanto mais que quem quizer escolher tem á disposição uma prodigalidade infinita de fórmas selectas. Comtudo ha iniciativa bem patente e no genero de pratos a sua collecção muito variada merece demora. Em quanto ao fabrico, já se disse, satisfazem; com respeito a pintura, — conforme.

Os *pratos luxuosos,* que mais se destacam, são imitações deturpadas de pintura chineza!

A pintura chineza na nossa faiança não é nova, tenho exemplares antigos, assaz sensatos, diante dos olhos. E não são raros.

A descoberta do kaolim na Europa fez por toda a parte uma inundação de *porcelana oriental*. Durante muito longo tempo nos deixámos arrastar na folia das cousas pseudo-chinezas.

Agora, que não estamos debaixo d'essa pressão, a lembrança é sinceramente extravagante.

Com o colorido, na verdade abundante, que a fabrica possue, por que se não tentou um trabalho serio e aproveitavel, em vez d'aquella futilidade?...

O sr. Veiga expõe tambem vasos para jardim, que, pelas semelhanças, se prestam a identicos reparos.

Ha muito pouca abundancia de modelos, nota-se isto. E quem faz aquelles, com certeza, poderia fazer muito mais..... se soubesse.

Depois, pratos e toda a serie de louça domestica, que, segundo me dizem, tem grande consumo.

A pintura de flores em algumas peças é rude; todavia tem côres apreciaveis: um prato a dois verdes, outro a dois roxos offerecem bonitos effeitos. Só lhes falta obedecerem a uma outra intenção ornamental.

No genero azulejo, de que apresentam numerosos padrões estes expositores, ha muito a modificar. Pela maior parte são em relevo, quasi afogados pela espessura do esmalte, de effeito pouco seguro, pouca critica e coloridos deshumanos.

Azul sobre amarello; azul, verde e encarnado sobre fundo côr de camurça! etc.

Côres cruas, opacas, asperas, de repellão.

Os mesmos defeitos do azulejo actual das fabricas de Lisboa e Porto. Valha-nos isso...

O que fica averiguado é que nas olarias de Coimbra ha actividade, intelligencia e aptidão, disposições magnificas. O que falta? Falta instrucção; falta desenho; educação sufficiente, para bem saber que na arte decorativa é necessario tirar a maior somma de effeitos com a menor quantidade relativa de elementos; e ao mesmo tempo domar e encobrir as difficuldades vencidas, as resistencias do processo.

Depois d'isto o que se pede é a conservação de themas antigos para servirem de base a concepções do gosto moderno. A olaria coimbrã, á parte o inexplorado campo ás applicações novas, ha-de ser sempre

uma industria popular, barata, e é um contrasenso alterar-lhe o caracter, a phisionomia propria, para lhe dar novos ares na imitação de fórmas estranhas, da Vista Alegre, por exemplo, que nem merecem a preferencia, nem estão em harmonia com as escassas condições de solidez do nosso material.

O que se exige, finalmente, é simplicidade e gosto; muito bom gosto e muita facilidade. É n'isso que consistirá a arte do oleiro, quando a instrucção do trabalho, simples methaphorá em voga, se incarnar n'uma fórma definitivamente pratica, para bem da arte, da regeneração completa dos costumes e dos interesses.

Pelo fim devo mencionar uma experiencia em faiança feita com o material dos jazigos de Alencarcere: uma ellipse com a reproducção d'uma gravura — o conciliabulo dos Deuses no *Olympo luminoso,* segundo Camões. A empresa está a caminho, a organização prosegue e é de crer que em pouco os seus productos tenham nos mercados a acceitação publica.

A. Gonçalves.

A OURIVESARIA NA EXPOSIÇÃO

A ourivesaria portugueza tem um passado glorioso, mas a hereditariedade profissional, em muitos pontos interrompida, transviou-se e ha muito que de todo anda boiando, como todas as artes industriaes, por sobre este cahos do trabalho nacional.

Vivendo e desenvolvendo-se pela prodigalidade dos reis, dos grandes, dos prelados e pela opulencia das casas religiosas, os periodos da sua maior fecundidade coincidiram com as melhores epochas e acompanharam as oscillações da fortuna publica.

A côrte portugueza a começar em D. João II e por todo o seculo XVI, enriquecida pelas descobertas maritimas, deslumbrou o mundo com o fausto enorme da sua opulencia.

Dados estatisticos contemporaneos affirmam que só em Lisboa em 1550 existiam 32 lapidarios e 430 ourives!

Uma tal actividade ao contacto da arte estrangeira, que affluía de todas as partes á capital do reino, produziu essa abundancia pasmosa de artefactos, thesouros de alta valia, que, ainda hoje o pouco que resta, depois de todas as devastações, das expoliações diversas e prolongadas e das profundas vicissitudes por que têem passado as familias nobres, deu farta materia para duas exposições simultaneas, a de Lisboa e de Aveiro, em 1882. E na proporção de novos esforços daria para muito mais.

Influencias diversas, actuando desordenadamente no movimento da arte, produziram uma especie de perturbação e insubordinação mental nos artistas. Não houve a elaboração consciente e progressiva, a uniformidade e coordenação de ideias indispensaveis para a segura organização d'um estylo; mas, comtudo isso, a antiga ourivesaria portugueza legou reliquias preciosas dignas de larga attenção e largo estudo.

A riqueza do oriente é sabido que preparou a ruina portugueza. Logo que a caudalosa torrente do ouro das Indias se esgotou caímos na miseria e na escravidão, pela imprevidencia fatal com que os governantes suppozeram que lhes devia ser sempre propicia a tutela celestial.

Mais tarde, quando os diamantes e o ouro do Brazil nos inundou pela segunda vez de riquezas ainda mais extraordinarias, a nação embrutecida e decrepita nas mãos d'uns reis idiotas só poude produzir typos bastardos, sem inspiração e sem grandesa. O resto vinha de fóra.

A arte moderna já não vive da ostentação dos magnates. Tudo n'uma revolução maravilhosa obedeceu ao movimento democratico. Os artefactos ornamentaes, as bellas cousas que deliciam o espirito, deixaram de ser o apanagio dos privilegiados, para se tornarem accessiveis á media geral das populações.

Como consequencia, domina a grande industria. E o pequeno ourives deixou de ser artifice para ser commerciante: importa productos estrangeiros e revende-os com usura.

Sem recursos educativos, sem tradicção em que se firme, e sem estimulo para o esforço, a ourivesaria vive vida enfezada e difficil.

A ultima exposição da Sociedade de Instrucção portuense evidenciou em trabalhos modernos, que o Porto, na superioridade das condições que o favorecem, póde exercer n'esta arte decidida supremacia desde que lhe seja desbravado o caminho n'uma educação proficua e racional.

A de Coimbra, na modesta significação da sua pequenez, manifestou o merecimento d'um artista conimbricense, o sr. Martins Ribeiro, e um facto completamente ignorado — que a Figueira fabrica objectos d'ouro, muito auspiciosamente.

Representaram-se alli os srs. Abilio Maria Martins, de Coimbra, Manuel José dos Santos e Antonio Rodrigues da Paz, da Figueira.

Falta espaço para especialisações. Não havia trabalhos de maior vulto e importancia; no geral eram pequenos enfeites, bijouterias elegantes e fantasiadas, denunciando mão habil, fino e firme buril e inclinação artistica. Muito que aproveitar.

O sr. Martins Ribeiro atrahiu a attenção pela sua faca de escriptorio. É um trabalho fiador de mais longo folego e qualidades solidas, que o seu amor pelo trabalho ha de confirmar.

O curso do terceiro anno juridico soube aproveital-a para uma distincta galanteria e offertou-a ao seu professor, o sr. dr. Antonio Candido.

A. Gonçalves.

ENCADERNAÇÕES

Era voz publica, não ha muito tempo, em Coimbra que as artes tinham decahido; e que esta pobre cidade, tão desprotegida pelos poderes publicos, para nada mais servia do que para continuar a ser um vasto collegio, d'onde todos os annos se espalhasse por esse Portugal fóra uma infinidade de bachareis.

Mas o que se dizia era um erro, como todos tivemos occasião de observar na Exposição districtal, promovida pela Eschola Livre das Artes do Desenho.

Quem fizer um termo de comparação entre as artes, representadas na exposição de 1869 e na de 1884, verá quanto ellas teem progredido n'esta cidade, e convencer-se-ha, como nós, de que não virá longe o

tempo em que Coimbra passe por uma nova phase mais prospera, tornando-se de *academica*, que é, tambem em *industrial*.

Uma arte que não abundava muito em Coimbra era a da encadernação; somos do tempo em que quem desejava os seus livros com encadernações distinctas recorria a Lisboa e Porto; e até alguns, mais exigentes, as encommendavam de Paris.

Vasilhame a dois barros, ensaios do Sr. A. Gonçalves

O sr. Abilio Severo veio-nos mostrar praticamente que hoje nada d'isto havemos mister, e que no seu estabelecimento ha um bom gosto esmerado para toda a sorte de encadernações.

Isto que escrevemos tivemos a satisfação de examinar na *vitrine* onde este artista expoz os seus trabalhos.

Tudo alli se admira: a boa esquadria do aparado, a perfeição do coberto e, sobre tudo, a belleza e bom gosto do dourado.

Preferimos e damos mais valor a estas encadernações do que ás que exportamos do extrangeiro; porque estes para todo o trabalho teem machinas, e Severo só tem as machinas das suas mãos, que apresentam á nossa vista trabalhos delicadissimos e perfeitos.

Não fallaremos na vitella, ou em outro qualquer livro coberto de bezerro ou carneira, mas na percallina confessamos que ainda não vimos nada que seja mais perfeito.

Examinámos bem esta encadernação, e nem uma só mancha encontrámos no seu dourado.

A belleza que distingue este trabalho é uma gloria para Abilio Severo, sendo poucos todos os elogios para este artista, que com escassos recursos soube levantar a sua arte da sua antiga rotina.

D'este modo os amadores de bibliothecas luxuosas, e as damas apreciadoras do bom gosto nos seus livros, têem n'este estabelecimento esplendida variedade com que tornar formosos, uns os seus gabinetes de estudo, outras as suas delicadas mezinhas de costura.

Coimbra, 7 de março de 1884.

A. M. Seabra d'Albuquerque

PROSA ALEGRE

(OS TRABALHOS EM BARRO PELO GONÇALVES)

Lembram-se de ver na galeria superior da Exposição uns deliciosos trabalhos em barro vermelho — umas caricaturas e uns vasos, que logo se impozeram a todo o visitante como uma esplendida revelação de talento? Hão de estar certos de que a curiosidade indigena se quedava absorta defronte d'elles e se abria n'uns sorrisos francos de galhofeira sympathia pelo auctor e pela obra. No entanto, o artista ninguem o conhecia, pois que um anonymo qualquer mandára para a Exposição aquelles trabalhos, entendendo que bastava revelar o talento, sem que

fosse preciso revelar o nome. Não é verdade que é de uma modestia sem igual o artista que assim procede?

Ah! dir-se-hia que elle receiava pelo bom exito da sua obra — uma tentativa perfeitamente original ferindo a nota do imprevisto, e que desejava fugir a um fiasco. Simples preoccupação, de resto, como outras muitas que vêm ao artista na labuta do *atelier*, ao artista modesto especialmente.

D'est'arte esses preciosissimos trabalhos appareceram na Exposição sem nome de auctor. O exito, porém, foi por igual seguro e completo. Fallava-se á bocca pequena no sympathico nome de Antonio Augusto Gonçalves, um demonio de rapaz que tem o instincto precioso da Arte. Em breve trecho veio a saber-se que elle era com effeito o auctor. Ora, como lhes disse, parte d'esses trabalhos era nem mais nem menos do que a reproducção em barro das caricaturas mais salientes do *Antonio Maria*, e sabem como são deliciosas as caricaturas do *Antonio Maria*... Não havia que duvidar: o Gonçalves era o Bordallo Pinheiro do barro. Sobretudo o que uma simples intuição accusava logo era a fidelidade exactissima da copia. Diacho, parecia que o talento prodigioso do nosso primeiro caricaturista se escondera não sei em que cellula cerebral de Gonçalves no momento em que este, pegando no barro, começava a factura d'esses typos.

Depois, aquelles trabalhos eram de um lavor todo elle singelo, todo elle repassado de naturalidade, de uma especie de *nonchalance* que imprimia a essas *bijouteries* em barro a apparencia ligeira e facil de um simples brinquedo, de uma *bibelotage* finamente esquisita que fôra trabalhada a cantar e a rir, a fumar e a parolar alegremente com meia duzia de estroinas que vêm de visita ao *atelier* n'uma hora vaga de trabalhos de maior tomo.

E este é, a meu vêr, o merito principal d'aquellas caricaturas. Ha espontaneidade nos toques ainda os de maior melindre, n'esses que dão a *maneira* caracteristica de certo typo ou de certo rosto, e que por isso mesmo são infinitamente difficeis porque hão-de ferir uma nota toda ella psychologica e intima, definindo uma feição ou esboçando um caracter; não se descobre alli a mais ligeira sombra de preoccupação — n'um traço, n'um contorno, n'uma attitude. Diriamos que ha vida n'aquelle barro, alma n'aquellas *chinoiseries*, por fórma que a gente ri-se para esses typos, conversa com elles, pergunta-lhes pela saude e se gostam da

Exposição, que tal acham a luz electrica, e tem inclusivamente vontade de puxar de um cigarro e pedir lume ao *Zé Povinho*, com o devido respeito pelo cacete que sobraça e pela musculatura estriada dos seus pulsos arregaçados de athleta. N'um admiramos a sua *pose* olympica de *grand homme,* a sua maneira que respira ares fidalgos de soberano das finanças e a quem vae perfeitamente aquelle collarinho direito que lhe contorna o pescoço alto e dominador; n'outro a sua grande fronte escantoada, as suas barbicas, a sua anemia, as suas lunetas de aro pendentes, e as suas grandes pernas; ainda n'outro o seu gesto poderoso de orador que parece estar citando Danton ou Robespierre e que vem de gritar ao pobre Zé — *levanta-te, animal!* Defronte de outro — isto aqui em segredo, dous estudantes da Universidade tiveram esta phrase de cabulas bohemios: — *pede-se-lhe um perdão d'acto?* E com effeito, elle tinha o ar prasenteiro de quem está prompto a fazer vontades.

Agora respondam-me: não lhes parece que o Gonçalves deveria mandar a Bordallo Pinheiro, empacotadas e pela grande velocidade, as suas estatuetas de barro?

— Olá! diria elle assestando-lhes o monoculo — de que pagina do *Antonio Maria* fugiram os senhores?

E se não lhe dissessem que fôra o Gonçalves que os fizera, elle ficaria acreditando que, p'ra castigo, o espirito feiticeiro do seu *gato convertera em barro os fugitivos...*

Dos vasos imitação da arte grega e dos que são pura phantasia do auctor, comprehendem, pois não? que me dispensa de lhes fallar o desenho que ahi vae em qualquer pagina. Procurem e... façam favor de admirar.

O Gonçalves tem gisado um grande plano: — converter todo esse barro vermelho de Coimbra em objectos de ornamentação, consoante a sua bellissima phantasia.

Será bom, porém, que principie pelas caricaturas, que não sei se lhe chegará para as encommendas todo o barro vermelho da Lusa Athenas. E depois — a doze vintens cada uma!...

Sim, sempre será bom que principie pelas caricaturas, não lhe parece, meu querido Albino Caetano?

Trindade Coelho.

SUMMARIO

TEXTO = *Industrias historicas e industrias caseiras — II — O tijolo na architectura* — Joaquim de Vasconcellos = *Instrumentos de corda* — Antonio Simões de Carvalho Barbas = *A ceramica na Exposição Districtal de Coimbra* — A. Gonçalves = *A ourivesaria na Exposição* — A. Gonçalves = *Encadernações* — A. M. Seabra d'Albuquerque = *Prosa alegre (os trabalhos em barro do Gonçalves)* — Trindade Coelho.

DESENHOS = *Mater dolorosa* — D. Libania Gonçalves = *Faca de cortar papel,* executada pelo Sr. M. M. Ribeiro no estabelecimento do Sr. A. M. Martins — S. Lopes = *Vasilhame a dois barros* — A. Gonçalves.

REVISTA ILLUSTRADA

DA

EXPOSIÇÃO DISTRICTAL DE COIMBRA

EM 1884

Preço dos 4 numeros.... 300 réis

Administração — Praça do Commercio, n.º 11, Coimbra.

OFFICINA DE ENCADERNAÇÃO DE ABILIO SEVERO

RUA DE FERNANDES THOMAZ — COIMBRA

Capas de percalina para a *Revista Illustrada da Exposição Districtal*

Preço da capa e encadernação.... 400 réis

EXPEDIENTE — Pede-se aos sr.s assignantes que ainda não satisfizeram as importancias das suas assignaturas o favor de as mandarem satisfazer.

N.º 4 Abril — 1884

AS BELLAS ARTES

NA

EXPOSIÇÃO DE COIMBRA

Ninguem podia nem devia esperar uma grande affluencia de obras n'esta secção. O districto não tem uma simples escóla official de desenho, quanto mais um curso d'arte, no qual se daria, além da modelação, um curso historico sobre os estylos d'arte. E, no entanto, ninguem poderá negar a Coimbra o direito de reclamar do Governo esses elementos indispensaveis de uma educação esthetica.

O ultimo projecto official do sr. Aguiar será o primeiro passo no novo caminho; o museu virá depois; e, se o Governo se demorar, recommendaremos á *Escóla Livre das Artes do Desenho* que tome a dianteira.

É preciso ter-se algum conhecimento da vida singular e intima da população conimbricense para se apreciar devidamente os esforços d'aquelles que mandaram os seus desenhos, as suas pinturas, etc., á exposição.

O sr. Antonio Augusto Gonçalves, por exemplo, estaria deslocado em Coimbra, se não tivesse distribuido o seu tempo, generosamente, pela instituição livre de ensino do desenho, que promoveu a exposição. O sr. Gonçalves não é do numero d'aquelles que imaginam que a escóla de desenho se deve deixar a um canto, como um appendice da escóla de instrucção primaria; tambem não partilha do preconceito, commum e corrente entre os nossos artistas, de que o trabalho para a industria se reduz a uma occupação só propria de um debuxador.

Podendo desenhar e modelar superiormente, como o provam os trabalhos expostos, collabora com a melhor vontade e com excellente

exito nas officinas. Á industria conimbricense já não será necessario recommendar o lapis do sr. Gonçalves; mas no districto ha, com certeza, milhares de pessoas que podem lucrar muito com o ensino que se dá na escóla, debaixo da sua direcção.

Entre os trabalhos expostos pelo sr. Gonçalves sobresáe o *Christo morto,* pendente da cruz. Uma obra modelada faz sempre sobre o espectador uma impressão estranha, quando se tracta de um corpo morto; o mesmo corpo, pintado transfigura-se sempre mais ou menos, sob a influencia da côr. N'este caso, o Christo não tem sombra de idealisação; é a figura de um homem que expirou sob a pressão de incalculaveis soffrimentos; a bocca está muda, mas toda a musculatura o diz, claramente. O corpo é robusto, e luctou valentemente com a morte; perante esta figura é preciso pôr de parte todas as ideias tradicionaes e, até certo ponto, convencionaes, da grande pintura. O Christo magro, fraco, cadaverico, lavado em sangue, desappareceu. O leitor ha de lembrar-se das figuras de marfim que tem visto, algumas das quaes não deixam de ter merecimento, e dizer para si, que o Christo do sr. Gonçalves não corresponde á geral espectativa. Mas o artista não se importa com isso; modelou o que viu idealmente, e conseguiu um resultado notavel; ninguem lhe poderá levar a mal uma interpretação, que tem certa affinidade com algumas obras de arte notaveis que têm attrahido a attenção da critica europea; affinidade de concepção, note-se bem (1).

O sr. Gonçalves cingiu-se á realidade da situação, á verdade psychologica; retratou o martyrio tal qual elle foi. A crucificação não precisa ser idealisada hoje, como o foi nos seculos anteriores, quando a crença tinha raizes sobrenaturaes.

Por que motivo teria o *Pequeno christão* uma aureola? Supprimiu-a no Christo, mas collocou-a na tela, com pouca vantagem em nossa opinião. É uma creança de 10-12 annos, estendida sobre a arena; na mão direita, que descança sobre o peito, sustenta uma cruz; é uma victima obscura, das muitas que a intolerancia humana immolou; o

---

(1) O Sr. Gonçalves não podia ter á vista as obras do pintor allemão Gebhardt, uma notabilidade desconhecida entre nós; mas quem tiver presente a ultima ceia d'este autor, no Museu nacional de Berlim, comprehenderá o que queremos dizer.

desenho parece um pouco duro, o que é devido principalmente ao modelo, muito secco de carnes, mas cuidadosamente estudado do natural. Uma creança n'aquella idade, e saída de uma condição social inferior, não pode ser, naturalmente, um Adonis.

O *Projecto para o tecto de um palacio,* a *gouache,* do mesmo auctor, é mais uma prova dos variados recursos de que elle dispõe; bom effeito decorativo, perspectiva correcta, e a simplicidade elegante dos bons modelos do seculo XVIII.

Os desenhos abundam, relativamente, na Exposição.

O sr. Luiz Augusto Pereira Bastos, professor de desenho muito estimado em Coimbra, expõe paisagens do districto: Bussaco e Mondego, e uma de Leça da Palmeira (Porto). Qualquer d'ellas bastaria para attrahir a attenção; o sr. Bastos traduz as suas impressões com verdadeira poesia e consegue, com um modesto carvão, o que muitos não alcançam com a palheta mais bem guarnecida; na scena do Choupal, no horisonte da Porta de Coimbra, nos pinheiros de Leça ha uma nota elegiaca, tirada de um *Adagio* de Bellini. A escala de expressão do seu instrumento não será muito extensa, mas ninguem poderá negar que é caracteristica, e que reflecte um temperamento artistico pouco vulgar nos desenhadores dos nossos tempos.

A sr.ª D. Graziella Bastos segue os passos de seu pae com bom resultado; offerece-nos tambem scenas do Mondego.

Outra senhora, irmã do sr. Gonçalves, director da Escóla Livre, apresenta alguns retratos a crayon, que denotam estudo e boas disposições. Temos visto, ha algum tempo para cá, crescer esta especialidade do retrato *desenhado* em ponto grande. Esta predilecção póde dar algum resultado, se os nossos desenhadores não se limitarem a *copiar* os retratos de uma photographia, e fizerem o desenho directamente, do *natural*.

Não é possivel, por falta de espaço, mencionar miudamente os outros desenhos dignos de menção, mesmo porque desejavamos accentuar a importancia de algumas exposições collectivas, como as das aulas da Universidade, Lyceu de Coimbra, Collegio dos Orphãos e Escóla Livre; entretanto, lembraremos os trabalhos do sr. Augusto Eduardo Ferreira Barbosa (retratos e paisagens), alguns desenhos á penna dos srs. Lopes Guimarães e Albino Pinto, e as obras do sr. Francisco Gil, pensionista da Misericordia de Coimbra na Academia de Lisboa. Este ultimo dá boas esperanças.

Os desenhos dos estabelecimentos supramencionados estavam dispostos em grupos e muito altos, por falta de logar, não podendo, por isso, ser bem apreciados. Ainda assim, a impressão que recebemos foi, geralmente, muito favoravel, tanto com relação ao desenho de ornato, como ao desenho profissional geometrico (elementos mechanicos), que entre nós se costuma chamar «philosophico» (2). A Universidade de um lado, o Lyceu e a Escóla Livre do outro, trabalham sob a direcção de professores habeis. Os srs. José Miguel de Abreu, Luiz Bastos e Antonio Augusto Gonçalves deram um excellente exemplo aos professores do paiz; as aulas de desenho deviam ser obrigadas a uma exposição geral, biennal, que teria logar alternadamente, ora em Lisboa, ora no Porto, sem prejuizo de um concurso annual nas capitaes de cada districto. D'este modo teriamos uma contraprova á inspecção official, que foi decretada recentemente no projecto do sr. Aguiar, relativo ás escólas de desenho industrial. O sr. Abreu expõe um abundante material para o ensino do desenho. Em primeiro logar, os seus compendios para os differentes graus do ensino, desde o curso primario elementar e complementar, até ao quarto anno dos Lyceus; collecção de quatro numeros de papel stimographico, combinado com o methodo do seu compendio elementar; planificações de prismas, pyramides e cones, em cartão; seis modelos em madeira e vidro para o estudo da perspectiva rigorosa, executados sob a direcção do auctor pelo sr. Julio Motta, discipulo da Escóla Livre; finalmente, doze modelos em gesso de combinações de corpos geometricos, e outros tantos de ornatos em estylo grego. Estes ultimos parecem-nos um pouco fracos; ainda assim, a officina official de reproducção, que temos ha quarenta e nove annos (3), não foi capaz de fornecer uma unica collecção pedagogica ás escólas do paiz. Foi preciso que um particular lhe ensinasse o caminho!

Os trabalhos do sr. Abreu têm sido recebidos com geraes louvores, como é publico, e contribuiram efficazmente para a reforma do ensino

---

(2) A cadeira do desenho da Universidade está junta ás faculdades de mathematica e de philosophia. Vide o programma d'ella no *Annuario da Universidade*, Coimbra, 1876, pag. 179 e 180.

(3) A historia d'esta singularissima officina, fundada em 1836, foi traçada por nós na *Actualidade* de 10, 11 e 13 de Janeiro de 1880, tres extensos artigos, feitos sobre documentos officiaes.

do desenho, que se vae operando lentamente entre nós; mais uma vez os recommendamos á attenção dos professores, e dos paes de familia.

Não desejavamos concluir esta rapida revista sem mencionar com especial louvor as reproducções em gesso do sr. Guido Baptista Lipi, formador da Academia de Bellas-Artes de Lisboa. São, no seu genero, trabalhos muito notaveis; representam o maravilhoso pulpito de Santa-Cruz, o tympano da Porta lateral da Sé Velha de Coimbra e fragmentos do tumulo de D. Affonso Henriques.

Na mesma sala em que estavam estes notaveis exemplares da arte antiga ha ainda alguns productos das artes industriaes que deixámos, de proposito, para o fim; um d'elles, de notavel merecimento, é o fogão de sala do sr. Annibal Ferreira Maia, trabalhado com marmores nacionaes. Deviamos conceder-lhe um logar especial, por isso mesmo que foi esquecido (apparentemente) em anteriores revistas nossas ([4]). Os outros productos são obras de alguns discipulos da Escóla Livre que já entraram na vida pratica, e que figuram honrosamente nas officinas de Coimbra. São o melhor testemunho que a Escóla podia apresentar da sua benefica influencia.

O sr. A. Ferreira Maia já publicou n'este logar um desenho do fogão, que foi executado sob a sua direcção na officina do sr. João Ferreira Maia. Os marmores, que entraram na obra, são: além do branco e cinzento, que formam o esqueleto, o preto (no arco trilobado e nas lisonjas do taboleiro superior); ha ainda marmore rosa e alaranjado. Esta polychromia natural foi reforçada artificialmente, ás vezes para alcançar um segundo tom na mesma tinta, destacando certos relevos, outras vezes para estabelecer os contrastes tão harmoniosos, que são caracteristicos na arte decorativa dos arabes.

Parece-nos que o effeito foi perturbado com as manchas irregulares dos marmores, que são de Cintra, Extremoz e Ancião; nas obras em que a polychromia é natural, está na materia prima, e é irregular nos seus effeitos, convém empregal-a com parcimonia e não introduzir a artificial.

([4]) Vide os nossos artigos sobre a Exposição de Coimbra no *Jornal do Commercio* de Lisboa a 3, 5, 9, 15, 25, 30 de Janeiro e 4 de Março; no ultimo promettiamos fallar da secção das Bellas-Artes em artigo á parte, promessa que hoje cumprimos, resumindo a materia, mas, ainda assim, pedindo desculpa do muito logar que roubamos aos outros dignos collaboradores.

O arabe faz os seus tapetes muraes, polychromicos, sobre um fundo branco de estuque, e quando emprega o marmore, escolhe-o de uma côr cheia, unida. Este pequeno reparo pouco vale n'uma obra que revela qualidades distinctas, desenho phantasioso, original e lavor de cinzel muito notavel. O sr. A. Maia, que abandonou a Universidade, está dirigindo noje uma das melhores officinas de canteiro do paiz; no logar que escolheu póde fazer uma grande e salutar revolução. A esculptura decorativa está entre nós tão baixa como nunca esteve. Visitem os cemiterios de Lisboa e Porto, os mais afamados. Que horror! Que templos, que kioskes, que estatuas, que aguias, que leões e que carneiros! — os môchos, ao menos, ainda se conhecem!

Reparámos tambem nas imitações de marmores do sr. F. A. Meira, habilmente feitas; nas amostras de pintura de madeiras e marmores do sr. Antonio das Neves Elyseu; nas aguarellas do sr. Adriano Corrêa que imitam os mesmos materiaes, nos ornatos em madeira do sr. Machado. Estes tres ultimos expositores são discipulos da Escóla, assim como o sr. José Simões Paes, o auctor de um cofre de ferro de grande lavor artistico, de que já nos occupámos; e como outros, que não podemos mencionar especialmente, por falta de espaço. A *Escóla Livre* não esquece, por um momento, que uma instituição dedicada ao ensino artistico, ao ensino do desenho, não póde existir hoje, com honra e proveito, senão vivendo em intimo contacto com a officina.

Sob este ponto de vista, e considerando os resultados obtidos, a Escóla deu um exemplo a todo o paiz.

Joaquim de Vasconcellos.

POLEAME

Eis uma industria *quasi totalmente* nacional, e que na Exposição se apresentou por fórma que obteve uma das poucas primeiras classificações concedidas pelos respectivos jurys.

Quasi totalmente nacional, disse: porque, se não dependessemos do estrangeiro para ter o ferro, e se lhe não comprassemos por bom preço o cobre que em minerio nos leva do paiz, em bons e baratos milhares

de toneladas (haja vista a mina de S. Domingos), teriamos uma industria em que tudo era producto do nosso solo e do trabalho dos nossos artifices.

Em Portugal, tem a Figueira a primazia no fabríco do poleame, embora as construcções navaes hajam desapparecido dos seus estaleiros. No minucioso e interessantissimo relatorio da sub-commissão encarregada das visitas aos estabelecimentos industriaes do districto do Porto, por occasião do ultimo Inquerito Industrial, diz-se que a unica informação que se havia podido alcançar lá, sobre poleeiros, era que existiam *4 officiaes* (officinas?) *que occupavam, além dos mestres, 3 officiaes.*

Na Figueira, pelo contrario, o fabrico do poleame é talvez, relativamente a outras, a industria mais florescente e animadora, tendo assumido notavel importancia, graças á pericia dos artistas que se applicam a ella e á boa qualidade das madeiras empregadas e demais accessorios, do que tudo resulta obra excellente e que em toda a parte encontra excellente acceitação.

Os srs. Mesquita & Verissimo, recentemente associados para explorarem esta industria, exposeram amostras de moitões e cadernaes de diversas dimensões, armados e separados nas suas differentes partes para poderem ser examinados convenientemente. O diploma de 3.ª classe, alcançado pelos objectos expostos, denuncía o merecimento que se lhes reconheceu.

O sr. Julio Braz de Lemos apresentou uma explendida collecção de poleame, desde o pequeno moitão de 2 pollegadas, que, entre outras applicações, serve para fazer desfraldar no lais da verga a bandeira nacional do navio que a iça, até o enorme apparelho — uma patesca de 18 pollegadas e dois cadernaes de 15 — com que se viram de querena os navios de 250 toneladas. Esta collecção alcançou para o brioso expositor a mais alta distincção conferida pelos jurys: o diploma de 1.ª classe.

D'accessorios de poleame (cylindros de varios systemas) foram expositores egualmente distinctos, com menções honrosas (4.ª classe), os srs. Guilherme Dias da Costa e Joaquim Mendes da Costa Junior, que fundem e trabalham o metal com a perfeição que caracterisa tambem esta industria da Figueira.

Florescente e animadora chamei eu á do poleame, e assim é. N'ella o trabalho é constante — e isso por sem duvida concorre para a mori-

geração e bom nome dos que n'elle se empregam, e que constituem um grupo d'individuos que destacam pela moderação dos costumes e louvavel procedimento. Santa influencia do trabalho!

Nos mercados em que se apresenta o poleame da Figueira... ou melhor, n'aquelles a que elle é convocado, não teme concorrentes; aqui, infelizmente! não lhe dá occasião d'alargar o vôo, a falta de capitaes que facilitem o seu maior desenvolvimento.

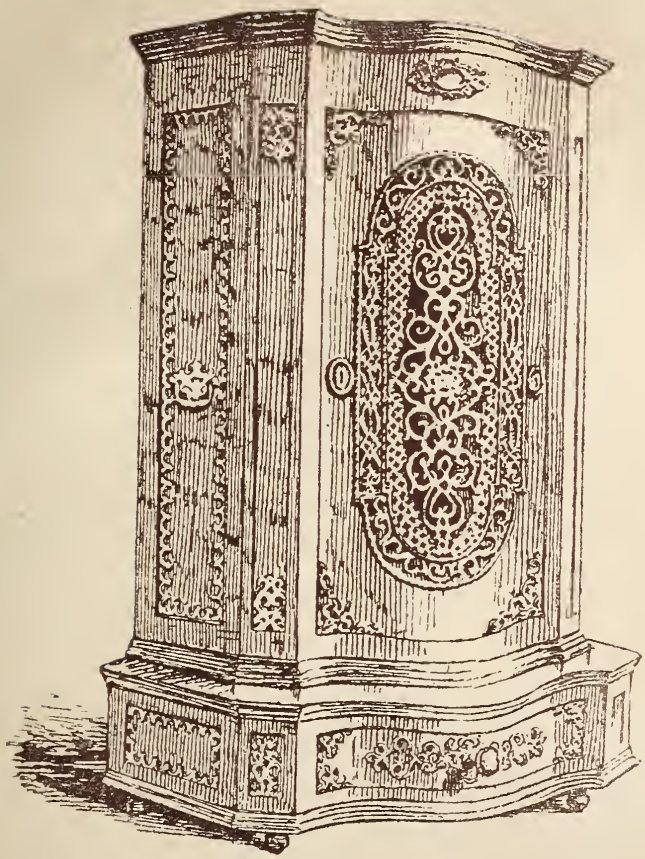
Existem n'esta cidade seis officinas de poleeiro, com approximadamente 30 officiaes e 15 aprendizes. Afóra este pessoal, a parte metallica poderá dar emprego a mais 12 homens e rapazes — fundidores e ferreiros que preparam, aquelles os cylindros, e estes as alças, pernes, bronzes e annilhos, que taes são as peças metallicas usadas no mais volumoso e reforçado cadernal, ou no mais simples e delicado moitão, conforme as dimensões e uso a que são destinados taes objectos.

A madeira, offerece-a o paiz em abundancia e de excellentes qualidades, taes como a acacia, cerejeira, faia, lamigueiro, platano, etc., e d'estas differentes variedades se constroe a *caixa* do poleame: as *rodas* são de freixo nacional, muito apreciado n'esta obra, ou de *pau de peso,* rija e compacta madeira, proveniente especialmente da America e que se paga pelo exorbitante preço de 800 a 900 réis cada arroba.

Póde calcular-se em 14 a 15 contos de réis o valor do poleame annualmente exportado d'aqui para o reino (Lisboa e Porto), e mais em particular para a America do Sul. A reputação da obra da Figueira está feita, e por isso os pedidos só podem ser satisfeitos com demora de mezes, porque a falta de capital, como atraz fica dicto, coarcta o desenvolvimento d'esta industria, que tem sabido alcançar e merecer pela sua perfeição o bom conceito em que é tida, e á qual, ainda assim, não têm sido applicados os grandes recursos que a mechanica actual põe ao dispôr do homem que trabalha.

Figueira, 1884.

F. M. L. Nunes.



Coffre metallico executado pelo Sr. José Simões Paes

Copia do Sr. A. Gonçalves

MOBILIARIO E ACCESSORIOS
MACHINAS

Apreciando os productos incluidos nos grupos III e V do programma da Exposição de Manufacturas do Districto de Coimbra, não seria mal cabido preceder esta analyse d'algumas considerações sobre o estado actual das industrias n'este districto, lançando ao mesmo tempo uma vista retrospectiva sobre a sua anterior condição; levar-nos-hia porém muito longe similhante plano, bastando indicar unicamente os principios geraes que seguiu o jury classificador no desempenho da sua missão. A historia industrial a que alludimos, especialmente desenvolvida e documentada, nem todos a podem conhecer e nem mesmo se torna necessaria para conscienciosamente apreciar os productos; é porém indispensavel sabel-a d'um modo geral, para avaliar se houve progresso ou decadencia n'um determinado periodo.

Para genericamente conhecer o observador se houve ou não progresso nos artefactos comprehendidos n'aquelles grupos, os objectos expostos fallam por si mesmos: com effeito as carroagens elegantes e de perfeita execução que se observam no V grupo revelam bem a distancia que vae d'estes vehiculos aos antigos carroções, que d'antes só aqui se fabricavam; o mobiliario e accessorios, que tornam a habitação confortavel, foram tambem representados d'um modo satisfatorio; as machinas industriaes e agricolas, pelas quaes o homem domina a natureza, e que ainda ha pouco recebiamos do estrangeiro, ou das cidades de Lisboa e Porto, já hoje aqui se fabricam, em limitado numero na verdade, mas sufficiente para demonstrar quanto póde e vale a persistencia e o trabalho; os debulhadores de cereaes, alimpadores, amassadeiras, esmagadores de uvas, prensas, etc., claramente o demonstram; os productos de serralheria e vidraria competem com os melhores do estrangeiro no mesmo genero, e outros egualmente se ostentam em analogas condições.

Não podemos comtudo deixar de reconhecer que em epochas anteriores houve industrias mais florescentes do que hoje; mas o progresso que temos a avaliar, quer seja considerado em globo, quer especialmente, ou por cada artefacto de per si, consideramol-o debaixo do seguinte ponto de vista.

O progresso em geral avaliamol-o pela totalidade dos beneficios realisados pelas diversas industrias, sem tractarmos de averiguar se uma ou outra ficou estacionaria ou decahiu; isto é, a resultante de todas essas forças que nos impellem para o futuro é que marca o ponto a que chegámos no estadío da civilisação. Ácerca de cada industria em especial attendemos a que ella se torne aproveitavel ao maior numero, tendo por este motivo muito em vista a modicidade dos preços. Outr'ora na verdade fabricavam-se productos mais bellos e perfeitos do que hoje em armaria, ourivesaria, mobiliario, etc.; a sua utilidade porém aproveitava a um limitado numero, e em quanto as classes privilegiadas se locupletavam com elles, o povo, a grande maioria, só lograva obter os artefactos mais toscos e grosseiros.

Poderiamos citar muitos exemplos para demonstrar que esta lei social de nivelamento se tem realisado n'este districto para goso e commodidade dos povos; torna-se porém inutil o adduzil-os: e se fallámos a este respeito, foi para que os artefactos mais bellos do passado não estabelecessem um parallelo desfavoravel aos do presente. Demais, como já teve logar n'esta cidade uma exposição retrospectiva, e ha dois annos admirámos na de Lisboa as preciosidades artisticas dos tempos que passaram, pareceu-nos conveniente insistir na differença entre as exposições retrospectivas de bellas-artes e as industriaes. N'aquellas attende-se principalmente ao bello e n'estas principalmente ao util, sem todavia se olvidar a perfeição e a belleza que sempre devemos ter no mais elevado apreço.

Os expositores que obtiveram as primeiras classificações n'esta secção, correspondentes a medalha d'ouro, foram, em Coimbra, os Srs. Manuel José da Costa Soares, pela grande variedade que apresentou de artefactos de ferro fundido e forjado, e carroagens; Antonio Diniz de Carvalho Junior e Joaquim Diniz de Carvalho, pelos fogões de cosinha; e Manuel Teixeira da Cunha, pelos artefactos de latoeiro, tinas, lanternas para carroagens, lampada de alcool, etc.; foram igualmente classificados os seguintes expositores da Figueira da Foz: Fabrica do cabo Mondego,

pelos vidros em chapa de diversas côres, lisos, canellados, ornamentados e foscos; garrafas e garrafões; e os Srs. Custodio Braz de Lemos e Julio Braz de Lemos, pelas rodas de leme que apresentaram. Muitos outros obtiveram medalhas de prata, de cobre e menções honrosas, cujos nomes podem lêr-se com a indicação dos productos que motivaram as distincções no livro ultimamente publicado ácerca da exposição.

A. Neves e Mello.

O FERRO NA EXPOSIÇÃO

Eu creio que já aqui disse que a industria moderna tem democratisado a arte; e a expressão tão verdadeira me parece, que por certo não é original.

A fundição vibrou um golpe terrivel á nobre arte do ferro forjado, á arte que produziu as famosas obras do periodo gothico e do renascimento. Depois d'aquella aggressão violenta, quiz dominar a situação, gosando do abusivo prestigio, que nenhuma consideração justifica; e tão grande desenvolvimento tomou em trinta annos, que por um momento se suppoz que o ferro batido, nas suas funcções decorativas, ia soffrer uma concorrencia aniquiladora.

Analogamente ao que aconteceu com a apparição dos processos de gravura chimica.

Felizmente passada a impressão do espanto, a arte vence e as apprehensões desapparecem. O ferro forjado, longe de succumbir, resurge; e nas exposições universaes tem mantido a antiga importancia, ostentando producções ás quaes a admiração confere as honras de verdadeiras obras d'arte.

Os limites d'acção das duas industrias rivaes estão traçados: o ferro fundido, reduzido ás suas dimensões proprias, tem o futuro nas pre-

scripções da mecanica; em quanto que o ferro de forja será sempre o que foi nos melhores periodos historicos do trabalho, quando affeiçoado pelo talento: — uma arte em cuja producção fica impresso o sentimento e a personalidade do artifice.

A Exposição districtal veio pôr em destaque a aptidão extraordinaria d'um joven serralheiro, o sr. José Simões Paes. O seu cofre para joias, á prova de fogo, é uma obra graciosa e d'uma grande delicadeza.

O *croquis* presente evita, pouco mais ou menos, a prolixidade da descripção: é de lamina de ferro, paredes duplas, e os espelhos e ornatos de metal branco, rendilhados a ponção e a lima.

A composição ornamental poderá apresentar algumas discordancias; mas, apesar de tudo isso, é um trabalho notavel; e com tão propicios

dotes o sr. Paes, que está novo e é laborioso e modesto, ha de conseguir a justa reputação d'um artista superior.

O sr. Manuel José da Costa Soares é o industrial que mais abundante collecção de trabalhos expõe. Em mobiliario, camas, mesas, cadeiras e gradeamentos fundidos, uma profusa diversidade de typos. Das machinas de applicações varias não fallo, porque é materia estranha ao meu proposito.

A actividade d'este homem está confirmada na historia da vasta officina que tem organizado. É d'esses raros emprehendedores que a todas as horas protestam contra aquella dôce abnegação — tão cara á gente lusitana.

Eu sómente me proponho avaliar em generalidade os objectos de serralharia artistica, ornamentada á forja. A não ser isso, teria de me referir á nascente officina dos srs. Coimbra & Irmão, e de mencionar os nomes de grande quantidade de productores de instrumentos de trabalho, machinas agricolas e objectos de construcção, etc., e sobretudo admiraria a excellente collecção de fogões de diversas fórmas, systemas e tamanhos, que davam a um dos lados do claustro, pelo effeito do escorço, uma apparencia grandiosa, com as chaminés irregularmente elevadas sobre a massa negra da fileira, salpicada com o brilho das peças de metal pollido.

Fogões bem construidos com todos os preceitos de segurança e economia, segundo as opiniões competentes. Uma industria de valor importantissimo e n'um estado de aperfeiçoamento notavel.

A familia Diniz de Carvalho é uma gerarchia honrosa de artifices habeis que por si só poderiam manter o bom credito d'esta profissão em Coimbra.

Além d'estes havia outros expositores.

Observando no conjuncto a serralharia batida, nas suas innumeraveis manifestações, nota-se que o serralheiro conimbricense tem a posse completa do processo de trabalho, a *mestria* que dá a pratica. Um eixo a martello fabricado na officina dos srs. Ribeiro & C.ª era um pequeno exercicio profissional muito digno de reparo. O trabalho mesmo dos fogões o demonstrava claramente.

Quando se trata do gosto o caso muda um pouco.

Os riscos não são os mais aproveitaveis e apropriados, não têm estylo, falta-lhes a conveniente adaptação e caracter, toda a ornamen-

tação é feita de *vergalhão* de ferro; — não ha uma tentativa de folhagem, uma flôr, uma moldura; para os relevos e ligações empregam exclusivamente a fundição de metaes brandos.

Ora que quererão dizer n'uma cama de ferro uns ornatos de estanho ou chumbo? O mesmo que n'um movel de marcenaria uma talha de papelão.

No seculo passado, em geral, e em especial no estylo Luiz XVI, a serralharia combina agradavelmente os seus ornatos com o bronze fundido; mas isso é outra cousa.

O defeito é simplesmente attribuivel á falta de bons modelos e nada mais. Os nossos artifices, instruidos no desenho, com um museu onde lhes fosse permittido verem os *fac-similes* da serralharia que produziu as explendidas *reixas* dos artistas hespanhoes do seculo XII e XVI, que toda a gente conhece pela photographia e pelas illustrações dos livros: os finos e fantasiosos ornatos, rendados, burilados, os grutescos, toda essa esculptura em ferro, da idade media e da renascença, seriam evidentemente capazes de progressos prodigiosos.

E eis aqui a fórma inalteravel, quotidianamente repetida, por que acabam as considerações sobre a nossa industria.

A. Gonçalves.

PHOTOGRAPHIA

Quem medir o largo alcance d'esta prestantissima arte physico-chimica sentirá por certo verdadeiro enthusiasmo. Em pouco tempo se elevou ella a grande categoria industrial, fazendo-se importante elemento civilisador.

A photographia — em si — conseguiu talvez a ultima perfeição nos processos do claro-escuro; porém — em suas relações com as artes de impressão — é vastissimo o horizonte das suas aspirações.

O rigor dos seus resultados fataes cala no espirito moderno — todo positivo e pratico. Entende-se porém vulgarmente que a fidelidade photographica é a ultima expressão do *realismo na arte!* Esta grande tolice circulante provém tamsómente de se confundir a arte photographica com as bellas-artes. O ideal, esse deu em droga!... passou talvez á condição de reagente chimico!!...

Não; a distribuição da luz, a *pose,* o arranjo das roupas, a maior ou menor precisão dos contornos — as unicas circumstancias em que o photographo póde intervir — não são, por assim dizer, mais que bellas marcas de fabrica, como disse um auctor de fama.

Á Exposição Districtal concorreram as principaes photographias de Coimbra.

A collecção do sr. José Maria dos Santos era numerosa e variada, porém notava-se má escolha de alguns trabalhos. A sua secção de paisagem era na verdade muito distincta. O *atelier* do sr. Santos, o mais antigo de todos, possue os melhores apparelhos para esta especialidade de trabalhos.

A *vitrine* do sr. Adriano Sousa estava artisticamente composta.

Os seus retratos apresentam excellente luz, bons panejamentos, posições faceis e graciosas; mas uma parte do seu grande effeito consegue-a o sr. Sousa retocando demasiadamente os *clichés.* É recurso de habilidade, mas vicioso.

Como sendo do *atelier* do sr. Sousa, figuravam dois bons retratos em tamanho natural; *chromotypias* lhes chamam, não sei com que propriedade.

O sr. Sartoris apresentou tambem uma bonita *chromotypia.* Este artista, soffrendo a doença e revezes, prosegue infatigavel nos estudos mais curiosos e interessantes da sua arte, elle só, cheio de vontade e aptidão.

O sr. Adriano Tinoco expoz os primeiros trabalhos do seu *atelier*, recentemente aberto. São uma amostra muito significativa da habilidade do artista, e *réclame* para o novo estabelecimento.

Vaz Sylvestre.

DIVERSOS APONTAMENTOS

Nas estreitas proporções d'esta publicação era impossivel levar mais longe o desenvolvimento da analyse e da critica; porisso, e porque ha ainda que tractar d'algumas industrias de importancia, condensaremos em um só trecho o que realmente devia estar distribuido em logares diversos e categoricos.

Na sala 2.ª realçavam alegremente os frescos e alvos tecidos de linho dos arredores de Coimbra. É a industria tradicional, sympathica e caracteristica das bellas raparigas de Castello Viegas. Os tecidos d'alli a ponto puchado são muito estimados em toda a parte. Pena é que o tamanho e construcção dos seus teares não permittam fazer d'uma só peça as obras de maiores dimensões, evitando costuras feias.

No desenho apparecem frequentemente as palmas *Pompadour* e a *grega*.

As boas das pequenas, na simples ignorancia da sua aldea, copiam com esmero os debuxos francezes de *crochet*, conhecidos de toda a gente.

É vulgar figurarem nos centros das colchas a corôa e as armas reaes portuguezas, consolação de intimas convicções de quem as accentua em valle de lençoes.

Entre as expositoras distinguiram-se as sr.as Thereza da Piedade e Maria José Moraes.

Nas *vitrines* contiguas viam-se uns manequins passientes exhibindo na sua elegancia official as casacas talhadas pelos alfaiates de Coimbra.

O sr. Almeida apresentou a mais que os seus collegas uma casaca de par do reino bordada a ouro, e uma toga de juiz.

Em tempos que já lá vão — antes do caminho de ferro — tinham fama os mestres de Coimbra. Depois a Academia, nas ferias, começou a vestir-se de Lisboa e do Porto, vieram os confrontos, e a velha reputação sentiu-se abalada e esteve prestes a desabar. N'estas circumstancias era prudente submetterem-se ás indicações do freguez impertinente. Aproveitaram.

De bordados, rendas, obras de tapete, flores, etc., houve notavel concorrencia. As senhoras do districto de Coimbra, com o seu amavel concurso, deram á Exposição um attractivo que muito interessou o publico, — principalmente a parte feminina do publico. Nos logares destinados a estes trabalhos muito frequentemente se viam grupos de senhoras examinando, criticando e comparando os objectos expostos; — nos dias de maior affluencia chegava a tornar-se difficil a passagem por esses logares.

Estes trabalhos, porém, que representavam muita aptidão, paciencia e applicação, punham em evidencia, de maneira muito frisante o atraso

da educação artistica da senhora portugueza. Que detestaveis padrões, que deploraveis desenhos e que precioso tempo gasto em bordados a escumilha e outras frioleiras de morosissima e enfadonha execução e de effeito menos que mediocre!

Com algum desenho e alguns bons modelos aquellas senhoras fariam maravilhas!

A Imprensa da Universidade expoz uma variada collecção de livros representando differentes especies de trabalho, desde a composição seguida até á difficil composição dos tractados de mathematica, e alguns quadros com impressões de vinhetas a côres, etc.

A Imprensa Litteraria apresentou varios livros e jornaes, e um quadro com differentes provas de facturas, bilhetes, cartas, etc.

A Typographia de M. C. da Silva expoz um quadro com varias provas de mappas, facturas, gravuras, etc.

A redacção da «Officina» apresentou um quadro em que se notava uma trabalhosa tarja feita a zinco, executado pelo sr. Luiz H. Cardoso.

Não foram muitos os expositores de productos alimenticios; dos poucos, porém, que concorreram, alguns sobresairam de maneira notavel.

O principal expositor de massas foi o sr. José Clemente Pinto. Graciosamente disposta em uma *étagère* circular apresentou este sr. uma interessante e numerosa collecção de massas, que veio confirmar os creditos, já estabelecidos, da sua fabrica. Expoz tambem farinhas.

De entre os expositores de bolachas e biscoitos destacava-se notavelmente o sr. José Francisco da Cruz. Apresentou uma variadissima collecção de amostras que pôz em evidencia, de maneira muito brilhante, o grande desenvolvimento que o seu estabelecimento tem tomado.

Os vinhos, licores, azeites, vinagres, etc., etc. occupavam grande parte da 4.ª sala, elegantemente dispostos. Os concelhos que com maior numero de expositores d'estes productos contribuiram foram Coimbra, Condeixa, Figueira, Oliveira do Hospital, Penella e Taboa.

Com productos pharmaceuticos concorreram os srs. Simões de Castro, Barata Diniz e Santos Viegas, de Coimbra — os srs. Guedes Lacerda e Sotero d'Oliveira, da Figueira — e o sr. F. Rocha da Fonseca, de Condeixa.

A secção de calçado teve muitos expositores. Fizeram-se representar os concelhos de Coimbra, Figueira, Midões, Taboa, Penacova, Oliveira do Hospital. Havia uma grande variedade de sapatos, botas, chinelas, tamancos e fôrmas, desde o trabalho grosseiro para gente do campo até á delicada botina de senhora. Sobresaiam os productos de Coimbra e da Figueira.

Algumas industrias houve que poucos representantes tiveram; umas porque no districto têm pequeno desenvolvimento; outras porque os expositores se retrahiram. De entre essas, porém, algumas fizeram-se representar de maneira distincta: devem citar-se:

As flores artificiaes expostas pela sr.ª D. Margarida de Jesus C. Fino;

A interessante collecção de animaes preparados pelo sr. Francisco José Paulo, elegantemente disposta em uma bonita vitrine;

As excellentes dentaduras feitas pelo sr. José Maria dos Santos;

Uma borla de doutor e alamares, trabalho muito perfeito, exposto pelo sr. Vieira Braga;

As malas expostas pelo sr. Adriano F. Dias e pelo sr. Eduardo de Carvalho;

Os productos de chapelaria, apresentados pelo sr. Silva Eloy;

As amostras de amendoas expostas pelos srs. Innocencio da Conceição & Sobrinho;

Os productos de colchoaria apresentados pelo sr. Manoel M. Ferreira;

Os arreios expostos pelo sr. Adriano F. Dias e pelo sr. J. da Silveira;

O vasilhame apresentado por alguns fabricantes de Coimbra e da Figueira;

A obra de esparto exposta pelo sr. Antonio dos Santos: — ceiras para lagares, etc., e as esteiras de palha apresentadas pelo mesmo expositor;

As amostras de sabão da fabrica do sr. Augusto Luiz Martha;

As carneiras expostas pelo sr. Dias Galvão, da Porcariça.

COIMBRA

Coimbra, a velha cidade, que contempla ha tantos seculos o perpassar continuo do Mondego, assiste á evolução de uma nova phase, a mais proveitosa talvez da sua existencia.

No decurso da sua longa edade experimentou os duros golpes das conquistas iniciaes da monarchia; deu abrigo ao montante heroico de Affonso Henriques; escutou as palavras tersas do fiel Martim de Freitas, os discursos arguciosos de João das Regras e as rudes phrases de Nuno Alvares; repercutiu em seus echos o bater dos cinzeis entalhando na pedra os primorosos lavores das egrejas da Sé Velha e Santa Cruz; ouviu os versos elegantes de Sá de Miranda e os cantos altisonos de Camões; chorou sobre as ruinas fumegantes que lhe doou a invasão franceza; comeu pelas portarias os sobejos dos frades, e as mealhas academicas; trabalhou como os melhores obreiros, para quebrar de vez as peias odiosas do absolutismo, e por fim adormecera, embalada pelas trovas maviosas de João de Lemos, Castilho, Serpa e outros muitos, como crioula indolente, que cerra as palpebras, balouçando-se na rede sob a coma perfumada e umbrosa da laranjeira, enlevada no canto do sabiá.

Acordou ha pouco. O labutar das massas populares do velho e do novo mundo agitadas pela ancia de se engrandecerem, o arfar possante do vapor, subjugado pela intelligencia em prisões de ferro e o rodar das engrenagens, transmittindo a vontade do homem á materia bruta, fizeram o milagre. Despertou a *sinhá!*

O trabalho é uma necessidade organica. Trabalhar com as armas em conquistar riquezas e senhorios; com prôas de galeões em traçar rotas desconhecidas; com rezas e pompas em ostentações religiosas, ou com os poderosos meios das sociedades modernas em obter o bem estar moral e material dos povos, tudo é trabalhar. A necessidade subsiste sempre a mesma desde que se dispõe da força; o ponto ideal da orientação do trabalho esse é que tem variado atravez dos seculos.

Coimbra, hesitante nos propositos como a juventude que a povoa em grande parte, imprevidente como ella, desnorteada durante muito tempo, entrou finalmente na estrada luminosa, por onde jornadeiam todos os que se dirigem para o cume das aspirações humanas.

Quasi não se distingue entre a enorme multidão que progride, é verdade; segue lentamente no couce das longas filas; move-se porem e, sacudindo pouco a pouco o torpor dos membros, conhece-se que caminha.

* * *

Quem, não ha ainda muitos annos, visitasse Coimbra, investigando o seu viver normal, encontraria grande penuria de recursos proprios. O ensino limitado aos altos estudos e aos favorecidos da fortuna; os proletarios sem pasto para a intelligencia e quasi sem abrigo na infancia e na velhice; o commercio enfezado, a industria quasi nulla.

Não era risonho o quadro. As creanças, adultos ou velhos, tinham como unicos meios de se instruirem sem despeza a rachitica escola primaria, como fontes de soccorro as instituições seculares: respectivamente a Roda, repugnante fórma de uma ideia boa, o Hospital e a pia invenção de Contreras, a Misericordia. Tão pouco não bastava para satisfazer ás necessidades dos que soffrem ou privação de azas para os vôos do espirito, ou falta de subsistencia nos impedimentos physicos, ou carencia de allivio para encargos excessivos.

Na industria igual miseria. A antiga fabrica de tecidos de seda e algodão da rua de João Cabreira, estiolando-se lentamente, entregara os teares á acção destruidora do caruncho; a de lanificios de Cellas morrera egualmente á mingoa, e existindo já em 1813 [1] quatorze fabricas de louça, conservava-se egual numero onde os olleiros se contentavam de manter quasi intactos os processos, aqui tradicionaes, da ceramica do seculo XIV e os de Vandelli.

Se a isto ajuntarmos as officinas indispensaveis para manufacturar imperfeitamente artigos de vestuario, de alimentação e pouco mais, teremos completado o quadro da industria coimbrã, em proxima epocha.

---

[1] J. Accursio das Neves — Variedades sobre objectos relativos ás artes, commercio e manufacturas, etc. — Lisboa, 1816, T. I, pag. 199.

Ha poucos annos iniciou-se felizmente uma transformação benefica no modo de ser economico e social de Coimbra, que gradualmente se desenvolve.

É esta vida nova que saudamos com immenso jubilo.

* * *

A associação, para beneficencia e para o trabalho em todas as ordens da actividade, é um dos poderosos instrumentos com que as sociedades modernas conseguiram nivelar e consolidar o terreno sobre que assenta o edificio do progresso e da civilisação actuaes. Tel-as em grande numero é possuir um brazão nobilissimo.

Daremos, pois, breve nota, em grupos, das associações que existem em Coimbra, com fins de soccorro mutuo, de beneficencia ou de instrucção.

Monte-pio da Imprensa da Universidade; fundou-se em 8 de setembro de 1849; distribue soccorros pecuniarios, clinicos e pharmaceuticos nas enfermidades e dá pensões a invalidos. Conta actualmente 37 socios.

Monte-pio conimbricense. Foi instituido em 1 de janeiro de 1851. — Tem 221 socios e ministra soccorros da mesma natureza que o precedente.

Monte-pio da sociedade Boa-União. Embora a ideia da sua fundação date de 1856, só teve regulamento approvado em 19 de agosto de 1860. Orça por 20 o numero dos seus socios e dá subsidios pecuniarios, medico e medicamentos aos doentes.

Associação dos artistas — Foi fundada em 1863. Compõe-se de 322 socios, a quem proporciona recursos analogos aos dos dois primeiros monte-pios. Além do que sustenta aulas nocturnas de instrucção primaria, francez e desenho, frequentadas ao todo por 90 alumnos.

Associação dos artistas do sexo feminino — Constituiu-se em dezembro de 1867. É formada de 461 socias, que recebem subsidios nas condições da precedente.

Asylo de infancia desvalida — Foi decidida a sua creação, por subscripção de quotas permanentes, no dia 9 de julho de 1835 e inaugurado, admittindo 12 creanças, em 10 de abril de 1836. Tem edificio e capital proprios, sustenta 24 alumnas internas e 36 externas, que almoçam jantam e merendam no estabelecimento, onde recebem instrucção.

Sociedade philantropico-academica — O projecto dos seus estatutos data de 7 de janeiro de 1850, mas os definitivos só foram approvados por decreto de 26 de maio de 1852. A receita provém de donativos e rendimentos proprios. Distribue mensalidades, livros e propinas academicas a estudantes pobres da Universidade.

Gremio dos empregados no commercio e industria — Tem estatutos approvados em 17 de maio de 1883. Dá soccorros pecuniarios e medico em casos de necessidade e promove o desenvolvimento intellectual dos socios, que são em numero de 74.

Associação consoladora dos afflictos — Existe ha muitos annos, mas só desde 17 de maio de 1883 tem estatutos approvados. Das quotas dos associados e donativos distribue avultados soccorros domiciliarios em dinheiro e roupa.

Sociedade de S. Vicente de Paulo — Fundada em 1880, tambem distribue quantidade de esmolas.

Associação dos bombeiros voluntarios — Tem os seus estatutos em via de approvação.

Ainda ha mais quatro sociedades cooperativas.

Caixa economica dos empregados dos telegraphos e pharoes do reino — Os estatutos d'esta sociedade foram approvados em outubro de 1878. Tem por fim emprestar aos associados os fundos de que careçam. O seu capital, superior a dois contos de reis, provém de quotas mensaes, cujo minimo é de mil réis, e de juros dos emprestimos. É em Coimbra a sua séde, e conta 43 socios residentes em differentes pontos do reino.

Caixa economica da typographia do «Conimbricense», fundada em 1 de janeiro de 1880. *Caixa economica da Imprensa Litteraria,* installada ha nove ou dez annos, mas que, depois de longa interrupção tambem começou funccionando de novo em egual data, e finalmente a *Escola Livre das Artes do Desenho.* Os estatutos por que esta se regula têm a data de 25 de outubro de 1880, mas é anterior a sua existencia, pois que em 31 de julho de 1878 pediu á Camara a casa do antigo senado, na qual funcciona. Em tão curto praso causa assombro o que tem conseguido um pequeno grupo de individuos, que primitivamente se aggremiaram, tendo como recursos, quasi unicos, vontades tenacissimas, inabalavel amor ao estudo e consciencia da propria energia. A mais cabal demonstração de que *querer é poder* deu-a agora a *Escola*, na Exposição de manufacturas do districto de Coimbra, sob todos os respeitos: nos

cartões, nas telas, nas modelagens, nas obras de talha, nas esculpturas, que expõem os alumnos e socios, e na realisação do certamen industrial. Quanto alli vae de trabalho e canceiras, mal o sabem a maior parte dos que vêem sómente o resultado. Admiramos com enthusiasmo esta obra de esforços gigantescos.

* * *

Passando a considerar a actividade industrial da cidade, força-nos o limitado espaço de que dispomos a restringir esta parte do nosso trabalho a uma rapida enumeração, despresando a ordem chronologica da fundação das fabricas, que raramente foram estabelecidas desde o começo como ora as vemos, e prescindindo de esclarecimentos relativos a machinas, pessoal e producção, que geralmente repugna aos proprietarios fornecer, mormente quando são destinados a vir a publico.

Encontram-se em Coimbra as seguintes fabricas: — de moagem de cereaes e massas alimentares 1 [1] — de massas alimentares 2 [2] — de bolachas 3 [3] — de moagem de cereaes e artigos para vidrar louça 1 — de serração e apparelhos de madeira 1 [4] — de carruagens 3 — de fundição de ferro e outros metaes 3 [5] — de sabão e pello para feltro 1 — de loiça 14 [7].

---

[1] Esta fabrica, fundada pelo sr. José Clemente Pinto em 1868, em modestas proporções, está hoje excellentemente organizada. Todo o trabalho é mechanico e pelos processos mais modernos e perfeitos. Tem um optimo motor a vapor da força de 45 cavallos; emprega 43 operarios e fabríca por dia, termo medio, mil kilogrammas de massas e seis mil de farinhas.

[2] D'estas duas fabricas uma emprega como motor força animal, outra tem machina a vapor de grande força. É importante a producção de ambas.

[3] Merece especial menção a fabrica do sr. José Francisco da Cruz. São variadissimas e excellentes as qualidades que produz em muita abundancia.

[4] Este estabelecimento do sr. Manoel G. Leite está annexo ao antecedente, tendo motor a vapor de grande força; é importante o seu fabríco.

[5] Uma d'estas, pertencente ao abastado capitalista, o sr. Antonio José Alves Borges, tem actualmente interrompida a sua laboração. Outra, a do sr. Manoel José da Costa Soares, tem motor a gaz e apresentou-se brilhantemente na exposição. Está reunida a uma fabrica de carruagens do mesmo proprietario, a qual tem grande desenvolvimento e dá productos muito perfeitos.

[7] Sustentam um commercio de muitos contos de réis e têm aperfeiçoado os seus productos, principalmente na escolha de modelos.

Os productos d'estas fabricas, grande parte dos quaes, especialmente os alimentares, são consumidos em muitas regiões de Portugal, egualam, e alguns excedem em perfeição, os melhores que se fabricam no paiz.

De industrias exercidas em numerosos estabelecimentos merecem especial menção as serralharias em numero de 10 ou 12. Além de outros artefactos muito perfeitos, como apparelhos hydraulicos e agricolas, leitos, etc., nota-se o fabrico de fogões chamados de fogo circular, construidos segundo um modelo original. Eleva-se a grande quantidade o numero de fogões vendidos annualmente em Coimbra para todo o paiz, merecendo particular attenção estes artigos aos visitantes da Exposição districtal.

Os artefactos em que os coiros preparados são a principal materia prima, representam tambem aqui um importante ramo de industria. O fabrico de malas, de calçado de todas as qualidades e de differentes artigos de correeiro e selleiro, é perfeito e sustenta avultado movimento commercial.

Está desenvolvida e é digna egualmente de mencionar-se a industria de funileiro e construcção de lanternas para carruagens, pela quantidade e perfeito acabamento dos variadissimos artigos que produz, desde os mais simples, até aos de mais difficil execução.

A composição de licores e de objectos de confeitaria, as officinas de obras de esparto e esteiras de forrar sobrados produzem avultadas quantias, e o fabrico, extraordinariamente perfeito e barato, de palitos para dentes occupa numerosas familias. Deixando outros artigos de menor monta, mencionaremos finalmente, como estabelecimentos de producção dez typographias, constantemente em actividade, e que empregam pela maior parte prelos mechanicos e avultado pessoal.

Tal é a muito largos traços e a rapido correr da penna o quadro do progresso industrial em Coimbra.

O incremento do commercio manifesta-se sobremaneira sensivel no numero sempre crescente de estabelecimentos de venda, vistosos e perfeitamente abastecidos de todos os generos; na existencia de tres grandes armazens de exportação de vinhos, de varias agencias de negocio por grosso de cereaes, azeite e fructa e na manutenção do Banco Commercial de Coimbra, que atravessou incolume a grave crise bancaria de ha poucos annos.

* * *

Cremos ter conseguido o fim que nos propozemos: provar que Coimbra progride. Soccorre e alberga os velhos; educa, mantem e abriga as creanças [1]; aggremia os validos para se instruirem e protegerem mutuamente nas crises afflictivas; assenta industrias novas e aperfeiçoa as exsitentes; subdivide e alarga o seu commercio. E em tudo isto prospéra.

É pois fóra de toda a duvida que Coimbra despertou e acompanha o movimento da epocha actual: em que pese a alguns pechosos, que, por satisfazer á tradição e aos maledicentes habitos nacionaes, porfiam em vêr n'ella sómente uma boa menina pachorrenta, eterna e exclusivamente occupada em chupar as têtas da velha Minerva.

Se algum dia o foi, despiu ha tempos as faxas e já caminha sem andadeiras. Vai devagar, paciencia; nem sempre os passos largos são os mais seguros.

Coimbra, fevereiro de 1884.

J. Nazareth.

---

[1] A Misericordia tambem educa nos seus collegios, até aos 15 annos, cerca de 90 crianças de ambos os sexos.

INDICE DOS DESENHOS

Frontispicio, — *A. A. Gonçalves* 1
Letra ornada, — *A. B.* 3
Em Leça da Palmeira, — *Luiz Bastos* 4
Christo na cruz, — *A. A. Gonçalves* 5
Estudo do natural, — *A. Motta* 7
Retrato do sr. Joaquim Martins de Carvalho, — *J. Lucio* 8
O pequeno christão, — *A. Gonçalves* 16
Margens do Mondego, — *D. Graziella Bastos* 17
Fogão de sala, — *A. Maia* 24
Á beira-mar, — *A. Barbosa* 25
Mater dolorosa, — *D. Libania Gonçalves* 36
Faca de cortar papel executada pelo sr. M. M. Ribeiro no estabelecimento do sr. A. M. Martins, — *S. Lopes* 37
Vasilhame a dois barros, — *A. Gonçalves* 45
Cofre metallico executado pelo sr. José Simões Paes, — *A. Gonçalves* . 57
Medalhas, — *A. Gonçalves* 60, 61

INDICE DO TEXTO

Preambulo, — *A. A. da Fonseca Pinto* 3
As duas exposições de Coimbra, — *J. A. Corte Real*. 9
Industrias historicas e industrias caseiras, — *Joaquim de Vasconcellos* . 13, 33
Orgão, — *João M. Arroyo* 18
A ceramica na exposição districtal de Coimbra, — *A. Gonçalves* . . 18, 39
As fabricas de papel que se fizeram representar na Exposição Districtal de Coimbra, — *A. M. Seabra d'Albuquerque* 21
Mobiliario, — *A. Barbosa* 28
Madeiras, — *M. Esteves* 30
Piano, — *João M. Arroyo* 32
Instrumentos de corda, — *Antonio Simões de Carvalho Barbas* . . . 37
A ourivesaria na Exposição Districtal de Coimbra, — *A. Gonçalves* . . 42
Encadernações, — *A. M. Seabra d'Albuquerque* 44
Prosa alegre (os trabalhos em barro pelo Gonçalves), — *Trindade Coelho* . 46
As bellas-artes na Exposição de Coimbra, — *Joaquim de Vasconcellos*. . 49
Poleame — *F. M. L. Nunes* 54
Mobiliario e accessorios — machinas, — *A. Mello* 58
O ferro na Exposição, — *A. Gonçalves* 60
Photographia, — *Vaz Silvestre* 63
Diversos apontamentos 64
Coimbra, — *J. Nazareth* 68

14- Fd. Albert

18- Ongaó

19- Lecanicia - rang

SUMMARIO

TEXTO = *As Bellas-Artes na Exposição de Coimbra* — Joaquim de Vasconcellos = *Poleame* — F. M. L. Nunes = *Mobiliario e accessorios; machinas* — A. Neves e Mello = *O ferro na Exposição* — A. Gonçalves = *Photographia* — Vaz Silvestre = *Diversos apontamentos* = *Coimbra* — J. Nazareth = *Indice dos desenhos* = *Indice do texto.*

DESENHOS = *Cofre metallico* executado pelo Sr. José Simões Paes — Copia do Sr. A. Gonçalves = *Medalhas* — A. Gonçalves.

REVISTA ILLUSTRADA

DA

EXPOSIÇÃO DISTRICTAL DE COIMBRA

EM 1884

Preço dos 4 numeros.... 300 réis

Administração — Praça do Commercio, n.º 11, Coimbra.

OFFICINA DE ENCADERNAÇÃO DE ABILIO SEVERO

RUA DE FERNANDES THOMAZ — COIMBRA

Capas de percalina para a *Revista Illustrada da Exposição Districtal*

Preço da capa e encadernação.... 400 réis

EXPEDIENTE — Pede-se aos sr.s assignantes que ainda não satisfizeram as importancias das suas assignaturas o favor de as mandarem satisfazer.

GETTY CENTER LIBRARY
3 3125 00612 5740